

Ao longo dos séculos as igrejas foram perdendo suas características bíblicas, resultado da assimilação de filosofias humanas, tradições religiosas e sincretismos religiosos. No entanto sempre existiram igrejas que permaneceram fiéis aos ensinamentos de Jesus e de seus apóstolos e que não se dobraram às dominações de sistemas religiosos heréticos. Durante séculos Foram chamadas de anabatistas (os que rebatizam) pelos seus antagonistas, até que um grupo de crentes assumiu a denominação de Batistas (os batizadores), rejeitando a idéia da existência de um batismo infantil ou sem conversão.

Hoje fazemos parte de igrejas que assumem esta denominação e primamos pela autenticidade da igreja e seus princípios conforme os ensinamentos de Jesus e seus apóstolos contidos no Novo Testamento. Somos independentes administrativamente, porém interligados doutrinariamente. Não pertencemos a um sistema religioso hierarquizado e buscamos ter Jesus Cristo como nosso único Senhor.

### ***DOUTRINAS BATISTAS I e II,***

estudos para EBD de autoria do  
Pr. Delcyr de Souza Lima em que discutimos e apresentamos as doutrinas bíblicas que os batistas têm abraçado ao longo dos séculos.

Peça pela Internet:  
**[www.editorabatistabrasileira.com](http://www.editorabatistabrasileira.com)**

Ou pelos telefones: (21) 2404-1279; 2403-0327

## ***Apresentação***

O estudo e a vivência dos ensinamentos e experiências contidas nos quatro Evangelhos é, sem dúvida, essencial para a vida cristã autêntica e produtiva.

Consciente dessa realidade, durante os 15 anos que pastoreio a Igreja Batista Memorial de Bangu, tenho sido insistente em apresentá-los, do púlpito, à igreja.

O resultado tem sido agradável e tem me trazido imensa alegria em pastorear aquela igreja. Os crentes enfrentam as mais variadas dificuldades com confiança nas promessas do Senhor Jesus, sem imposição ou constrangimentos evitam pessoalmente os movimentos heréticos, cultuam com alegria e produzem frutos para o reino de Deus.

Procurei realizar os estudos de cada Evangelho na Escola Bíblica Dominical, mas percebi que seria cansativo, uma vez que trechos, principalmente dos Evangelhos Sinóticos, são repetidos com apenas algumas variações. Decidi, então, harmonizar textos e compilá-los como se fossem uma só narrativa e a escrever estudos que englobassem, de uma só vez, os Evangelhos e que fizessem ver, na medida do possível, a seqüência do ministério de Jesus.

Fui auxiliado pelos Pastores Almir Etelvino dos Santos, que escreveu os estudos 15 e 18; Denilson Thomaz Cavalleiro que escreveu o estudo 17; e Delcyr de Souza Lima que escreveu o estudo 20; e o resultado foi este segundo volume de estudos para a EBD que esperamos seja de grande proveito para as igrejas de Cristo.

Pr. Dinelcir de Souza Lima.

---

~~Diretor-Geral~~

# Sumário

Estudo 14 - J e s u s P u r i f i c a C o r p o e Alma.....	3
Estudo 15 - J e s u s C h a m a u m Publicano.....	7
Estudo 16 - Jesus Ensina a Respeito do Jejum.....	11
Estudo 17 - Jesus é o Senhor do Sábado .....	15
Estudo 18 - Jesus Escolhe seus Apóstolos.....	19
Estudo 19 - Jesus Profere o Sermão do Monte.....	23
Estudo 20 - O A m o r e o P o d e r d e Cristo.....	27
Estudo 21 - Jesus Admoesta o Povo à Humildade e ao Arrependimento.....	31
Estudo 22 - Uma pecadora Unge os Pés de Jesus.	35
Estudo 23 - A Blasfêmia Contra o Espírito Santo	39
Estudo 24 - Os Judeus Pedem um Sinal.....	43

## ANOTAÇÕES

mundo para dar a vida eterna, não será condenado, mas ensinou, também, que quem não crê nele já está condenado e isto porque fez uma escolha que demonstrou que era mau: amou mais as trevas do que a luz (João 3.17-19).

### 3. *Há destinos definidos para os justos e para os maus* v. 48 e 50.

Não é uma seleção sem finalidade, mas tem a finalidade de dar destinos definidos: os justos serão recolhidos ao reino de Deus (v. 48) e os maus serão lançados no sofrimento eterno (v. 50).

## CONCLUINDO

Com estas parábolas Jesus deixou um conjunto de ensinamentos que precisam ser guardados pelos seus discípulos, por todos quantos se interessam pelo reino de Deus e sua propagação:

1. Há uma semente definida que faz crescer o reino de Deus, a sua Palavra.
2. A Palavra deve ser semeada para que possa germinar e produzir frutos para o reino de Deus.
3. O homem precisa cuidar do seu coração para que seja receptivo à Palavra de Deus, buscando compreendê-la e fazendo com que se aprofunde em seu coração.
4. Semeado no coração dos homens, o reino cresce independentemente da sabedoria humana.

5. Nem sempre os que parecem pertencer ao reino de Deus pertencem de fato. Mas somente Cristo, através dos seus anjos fará a seleção no juízo final.

6. Há uma luta de Satanás contra o reino de Deus, procurando fazer com que não cresça e que pessoas não tenham a vida eterna.

7. No Reino dos céus não entrará ninguém que não tenha sido separado por Jesus Cristo, sob os seus critérios e nunca sob os critérios humanos. Só entrará no reino dos céus aquele que for justificado por Jesus Cristo, que fizer o bem de recebê-lo como Senhor e Salvador, após se arrepender dos seus pecados, confiando na purificação através do seu sacrifício.

8. O inimigo de Deus, Satanás, é uma realidade e trabalha para que pessoas não venham a receber o evangelho de Cristo e, recebendo, não sejam salvas eternamente. Trabalha tirando a Palavra de Deus dos corações onde foi semeada e se infiltrando no corpo de Cristo através de falsos crentes.

### LEITURAS DIÁRIAS

**Segunda** - Marcos 4.26-34

**Terça** - Mateus 13.24-30; 36-43

**Quarta** - Mateus 13.44-58

**Quinta** - Romanos 5.1-11

**Sexta** - Tito 3.3-7

**Sábado** - Mateus 25.31-46

## Estudo 14

# JESUS PURIFICA O CORPO DE UM LEPROSO E A ALMA DE UM PARALÍTICO

Após Jesus ensinar o evangelho e realizar vários milagres em Cafarnaum, os habitantes da cidade queriam que ele permanecesse com eles, talvez realizando mais milagres. No entanto retirou-se. Procurado por discípulos seus, foi encontrado e interpelado por Simão Pedro e seus companheiros que lhe disseram que todos o procuravam. A resposta de Jesus foi que ele deveria ir a outras cidades e aldeias, a fim de pregar a outras pessoas.

Assim disse e assim fez. Saiu a viajar por toda a Galiléia, pregando, curando enfermos e expulsando demônios. A sua fama cresceu mais ainda e grandes multidões, de vários lugares, o seguiam por onde quer que fosse. Em uma das cidades um homem cheio de lepra foi até ele, colocou-se de joelhos em atitude de adoração e suplicou-lhe, chamando-o de Senhor, dizendo que se quisesse poderia torná-lo limpo. Jesus estendeu-lhe a mão, tocou nele, declarou que queria purificá-lo e ordenou que ficasse limpo. No mesmo instante o homem ficou

completamente limpo porque a lepra desapareceu dele. Apesar de Jesus ordenar que não dissesse nada a ninguém e que fosse diretamente até ao sacerdote a fim de apresentar uma oferta sacrificial, como era preconizado na Lei para quem fosse curado de lepra, o homem saiu dali e começou a anunciar a todos o que Jesus lhe fizera. O resultado foi que a fama de Jesus cresceu mais ainda, fazendo com que ele tivesse que se retirar para lugares desertos onde se colocou a orar.

Alguns dias depois, conforme registra Marcos, Jesus voltou à sua casa em Cafarnaum. A cidade soube e veio a ele, juntando gente que tinha vindo de todas as partes da Galiléia e da Judéia, inclusive fariseus e doutores da Lei. Ele se colocou a ensinar, a anunciar a Palavra. A multidão era tão grande que pessoas não conseguiam nem mesmo ficar diante da porta. De repente chegaram algumas pessoas levando um paralítico e tentavam colocá-lo, pela porta, diante de Jesus. Não conseguindo, subiram ao terraço da

casa, fizeram uma abertura no teto, por onde desceram o paralítico em sua maca bem diante de Jesus.

Conhecendo os corações e vendo a manifestação de fé daqueles homens, Jesus olhou para o paralítico e, talvez contrariando a expectativa até mesmo dos que haviam trazido o enfermo, disse-lhe que perdoava os seus pecados. Os líderes religiosos, escribas e fariseus, reagiram imediatamente com murmurações, dizendo que Jesus blasfemava porque somente Deus poderia perdoar pecados. Jesus percebeu em seu espírito que os líderes judeus murmuravam e os repreendeu, colocando diante deles uma questão: Para eles seria mais fácil dizer que os pecados do homem eram perdoados ou mandar que ele se levantasse, pegasse a sua cama e saísse andando tranquilamente? Sem esperar resposta, declarando que o que faria seria para testemunhar que ele tinha poder na terra para perdoar pecados, virou-se para o homem e ordenou-lhe que se levantasse, pegasse a sua cama e fosse para a sua casa. Imediatamente o homem obedeceu. Levantou-se, tomou a sua cama e foi para casa glorificando a Deus, fazendo com que os que estavam presentes ficassem pasmados diante do poder de Jesus, declarando que nunca tinham visto coisa igual.

Dois milagres colocados por Marcos e Lucas em uma sequência e

dentre tantos milagres de Jesus, estes chamaram a atenção dos escritores sacros? O que podemos aprender com estes registros a respeito de atos milagrosos de Jesus? Vamos analisar os milagres.

### **A PURIFICAÇÃO DO LEPROSO**

*Mt 8.2-4; Mc 1.40-45; Lc 5.12-16*

Neste milagre Jesus purificou o corpo de um homem que era completamente tomado pela lepra. Uma purificação instantânea que foi realizada:

**1. Pela compaixão de Jesus** - Marcos faz questão de registrar que Jesus se compadeceu dele. Nenhum outro motivo houve para Jesus purificar aquele homem, a não ser a sua compaixão. Uma compaixão que foi demonstrada em três atos: quando estendeu a mão para o homem, quando o tocou e quando o purificou. Compaixão que o impeliu a estender a mão para um homem desprezado pela sociedade, que o levou a tocar em um homem com o corpo em situação deplorável, que o levou a atender ao pedido de alguém que nem mesmo poderia ter se aproximado da multidão.

**2. Pela vontade de Jesus** - O homem se aproximou de Jesus rogando-lhe, colocando-se sob a sua vontade. Dizia em sua súplica: “se quiseses...” E Jesus respondeu: “Quero...” Uma vontade soberana reconhecida

Ao contrário, os filhos do reino, que foram semeados por Jesus Cristo recebendo o seu evangelho, resplandecerão no reino de Deus (v. 43).

### **A IMPORTÂNCIA DO REINO DE DEUS ESTÁ ACIMA DE TUDO**

*Mt 13.44-46*

Nestas duas parábolas Jesus mostra a importância do reino de Deus, comparando-o a um tesouro e a uma jóia de grande valor pelos quais, quem o encontra abre mão de todas as coisas de valor a fim de adquirir somente esta. Se é de grande valor:

**1. Não é fácil de ser encontrado** v. 44. Jesus comparou a um tesouro escondido. Não um tesouro à mostra, lançado no meio de lugares de circulação de pessoas, mas escondido. Em outra passagem lemos de Jesus ensinando que poucas são as pessoas que encontram a porta da vida (Mt 7.14). Certamente que o reino de Deus não é esse evangelho fácil que tem sido alardeado pelo que se dedicam a atrair as multidões.

**2. Precisa ser buscado** V. 45. Quem dá valor à vida precisa buscar o reino de Deus porque somente nele o homem encontra a vida eterna. E, quando encontra, o homem sincero precisa deixar tudo o que possui de

valor espiritual para trás, a fim de receber a vida oferecida por Jesus.

### **SOMENTE PESSOAS SELECIONADAS ENTRAM NO REINO DE DEUS**

*Mt 13.47-50*

Jesus já havia mostrado isso na parábola do trigo e do joio, quando disse que no final dos tempos ele enviaria os seus anjos para separarem o joio do trigo e para lançar o joio no sofrimento eterno. Agora reafirma o que ensinou anteriormente, utilizando a figura da grande rede que é lançado ao mar e que recolhe todo tipo de peixe, mas que, estando cheia, passa por um processo de seleção.

**1. O Reino de Deus é estendido a todos** v. 47. Não há distinção no processo de pregação, ilustrado por Jesus como o momento em que a rede é lançada. Deus quer que todos se salvem e Jesus mandou que o evangelho fosse pregado a todo o mundo.

**2. Há uma seleção entre justos e os maus** v. 48,49. Existe um critério que é estabelecido por Deus: o de que só entrarão no seu reino aqueles que forem justificados. Esse critério está registrado na Bíblia (p. ex. Rm 3.21-23; 5.1-9; Tito 3.3-7) e aponta para o sacrifício de Jesus como elemento de justificação. Jesus ensinou que quem crê nele como o Filho Unigênito de Deus, enviado ao



ficando até o dia em que o Senhor há de voltar.

**2. O crescimento tem um limite** *Mr 4.29*. O reino de Deus não crescerá durante tempo ilimitado neste mundo, para sempre, mas haverá o tempo da ceifa, em que Cristo voltará para colher os frutos produzidos (Ap 14.14-20) e multiplicados pelo seu trabalho de semear a palavra de Deus, de dar a sua vida por amor de muitos.

**3. O crescimento vem de uma semente simples** *Mt 13.31-33; Mr 4.30-32*. Outras religiões cresceram a partir de filosofias complicadas e preceitos religiosos extensos e cheios de belezas aparentes e extensas obrigações. Mas o evangelho de Cristo não. É uma semente simples como o grão de mostarda, sem beleza, sem grandiosidade, sem complicações. É uma semente que se resume à pregação do arrependimento dos pecados e da aceitação de Jesus Cristo como Filho de Deus e único salvador dos pecados do homem. Mas é uma semente poderosa que, lançada no coração do homem, cresceu e se tornou uma árvore frondosa, cheia de folhas, que dá abrigo àqueles que dependem somente de Deus em suas vidas. O crescimento vem da simplicidade como a do fermento que, colocado em pequenas partes na massa, a faz crescer demasiadamente.

## **HÁ TENTATIVAS DE INTROMISSÃO NO REINO DE DEUS**

*Mt 13.24-30; 36-43*

Se é verdade que o reino de Deus cresce por si só, dependendo apenas do sacrifício de Jesus Cristo e do trabalho de semeadura da Palavra de Deus em corações que a acolhem com alegria e segurança, também é verdade que há uma luta satânica para dificultar seu crescimento.

Talvez pouco pensemos nisso, mas Jesus apontou para essa realidade com a parábola do trigo e do joio. Mostrou que ele, o Filho do homem, semeia a boa semente (que nesta parábola são os filhos do reino), mas que o seu inimigo, o diabo, vem e semeia a sua semente no meio da seara de Cristo e ela cresce parecendo com os filhos do reino. Tão parecidos crescem que não é permitido nem mesmo aos anjos arrancá-los, sob pena de arrancarem aqueles que são, de fato, filhos de Deus (v. 27-29).

Apesar de crescerem juntos e serem tolerados por amor aos que são filhos de Deus, o trabalho do inimigo e dos seus filhos infiltrados no reino de Deus não terá sucesso porque, no dia do juízo, os que estão no meio dos filhos do reino, mas são filhos do maligno, serão recolhidos pelos anjos de Deus (v. 40,41) e serão lançados no inferno, no sofrimento eterno (v.42).

pelo leproso como sendo a vontade do próprio Deus. O homem se prostrou diante de Jesus e o adorou. Além disso o chamou de Senhor. Não foi uma vontade imposta como tantos ensinam hoje (já viram que absurdo se exigir alguma coisa de Deus?), mas uma vontade suplicada, respeitada, venerada.

**3. Somente no exterior.** Um aspecto que nos chama a atenção neste episódio é que Jesus não lhe perdoou os pecados como fez em tantas outras vezes ao realizar uma cura. Porque não o fez não cabe a nós especularmos, mas o fato é que o homem ficou purificado somente em seu corpo. Pelo fato de não ter ido se apresentar ao sacerdote como Jesus lhe ordenara e como preconizava a Lei, fico com a impressão de que aquele homem não estava muito interessado em adorar a Deus no sentido espiritual, depois que teve seu corpo purificado. Não obedeceu a Cristo, não praticou o ato que Jesus requeria dele. Talvez exemplifique o que acontece com tantas pessoas no presente, que buscam a Jesus reconhecendo a sua vontade, o seu poder, a sua divindade, mas buscam somente para receberem benefícios físicos, materiais, deixando de lado o aspecto da obediência a Cristo, de praticar o que ele nos deixou como ordenanças. São pessoas que, na realidade, apesar de terem uma experiência pessoal com o poder de

Jesus, não se tornam discípulos dele e, conseqüentemente, não têm suas almas resgatadas do pecado e salvas.

## **ACURADO PARALÍTICO**

*Mat 9.1-8; Mar 2.1-12; Luc 5.17-26*

Tanto Marcos quanto Lucas colocam o registro deste milagre logo após o registro da cura do leproso. Marcos relata que foi alguns dias depois e Lucas coloca apenas que foi “um dia”. Mateus coloca como sendo após o episódio dos gadarenos (8.28-34). Diante da diferença de registros, podemos observar que existiu em Marcos e em Lucas uma preocupação em relatar os dois milagres juntos, a fim de formarem um quadro só que demonstre o poder purificador de Jesus. Um foi purificado por fora e teve seu corpo completamente restaurado, o outro teve sua alma purificada e o corpo restaurado, também. E isto porque:

**1. Jesus viu a fé daqueles homens** - *Mt 9.2; Mc 2.3-5; Lc 5.18-20*. Uma fé autêntica porque era direcionada para Jesus e porque produzia esforços, obras, atividades em direção a ele. Fé de todos eles, inclusive do paralítico que se deixava conduzir pelo grupo e que confiava na ação daqueles homens. Fé dos homens que colocaram o paralítico diante de Jesus e fé do paralítico que confiou que estando diante de Jesus este manifestaria o seu poder sobre ele.

**2. Jesus perdoou os pecados do homem por causa da sua fé - Mt 9.2; Mc 2.5; Lc 5.20.** Sem que esteja explícito pode-mos inferir do texto que o homem tinha conhecimento da sua situação de pecador e que desejava o perdão. Jesus só perdoava pecados de quem reconhecia o seu pecado e se arrependia. Além disso, pelo registro de Mateus, sabe-se que aquele homem estava prostrado em ânimo, em seu espírito. Jesus deu-lhe vida pelo perdão dos seus pecados, restaurou-lhe o ânimo. Curou seu espírito porque era isso que ele ansiava.

**3. Jesus restaurou o corpo do paralítico - Mt 9.3-7; Mc 2.6-12; Lc 5.21-25.** A cura do corpo do paralítico foi uma consequência da falta de fé dos escribas e fariseus em Jesus como Filho de Deus. Estavam ali assentados, bem perto dele, ouvindo-o, mas não criam nele, não faziam nada que manifestasse uma crença em Cristo como Senhor. Não reconheciam a sua autoridade divina e estavam sempre prontos a acusá-lo de blasfêmia. Sabendo de seus corações sem fé e que, como judeus, precisavam ver para crer, Jesus deu ordem ao homem para que se levantasse, tomasse o seu leito e fosse para sua casa. De fato isto aconteceu à vista de todos (Mc 2.12) e o homem foi para casa.

**4. Jesus fez com que o nome de Deus fosse glorificado - Mt 9.8; Mc 2.12; Lc 5.26.** Com o perdão dos pecados do homem Jesus cumpriu o

objetivo da sua vinda, a de salvar o que se havia perdido (Lc 19.10). Dias antes havia dito aos seus discípulos da necessidade de ir a outras cidades para anunciar o evangelho, porque foi enviado ao mundo para isso (Lc 4.43). O evangelho são as boas novas de salvação. Com a cura do corpo do paralítico Jesus provou a sua condição divina e levou os homens a glorificarem o nome de Deus. A multidão teve que reconhecer a origem divina de Jesus.

### CONCLUSÃO

Existem dois tipos de fé em Jesus: uma que é limitada às coisas materiais e outra que ultrapassa os limites da matéria e alcança o que é espiritual. Jesus sempre atende aos que têm fé nele, mas há sempre aqueles que têm um atendimento tão limitado quando a sua fé. O leproso poderia também ter os seus pecados perdoados, mas a sua fé era somente para a sua cura. O paralítico teve sua alma e seu corpo curados porque a sua fé era, antes de tudo, no sentido de que Jesus poderia perdoar-lhe os pecados. Com isso foi beneficiado na sua alma que é eterna e no seu corpo que é perecível.

#### LEITURAS DIÁRIAS

**Segunda - Mateus 8.1-4**

**Terça - Mateus 9.1-8**

**Quarta - Marcos 1.40-45**

**Quinta - Marcos 2.1-12**

**Sexta - Lucas 5.12-26**

**Sábado - Atos 3.1-10**

## Estudo 26

### O REINO DE DEUS EM PARÁBOLAS

Textos básicos: Mateus 13.24-53; Marcos 4.26-34

À beira do mar da Galiléia, de dentro de um barco, Jesus proferiu a parábola do semeador para a multidão que se encontrava na praia. Em algum momento explicou a parábola somente aos seus discípulos e voltou a ensinar à multidão, através de parábolas que versavam a respeito do reino de Deus, explicando-as sempre aos seus discípulos (Mt 13.34,35; Mr 4.33,34).

São sete parábolas, sendo seis narradas por Mateus e somente uma por Marcos, que ensinam a respeito do crescimento do reino de Deus, da infiltração de falsos filhos no reino, da imensurável importância do reino e da seletividade do reino.

#### O CRESCIMENTO DO REINO DE DEUS

Mt 13.31-33; Mr 4.26-29, 30-32

Jesus havia terminado a parábola do semeador dizendo que uma parte da semente havia caído em boa terra e que havia produzido muito fruto. Havia germinado e crescido. Continuou falando, então, a respeito do

crescimento do reino de Deus ensinando que:

#### 1. O crescimento independe da sabedoria humana Mr 4.26-29.

Não existe sabedoria humana que possa fazer com que uma semente germine. Isso acontece por ela própria, pois já faz parte da sua natureza reproduzir a vida. A partir do momento em que a semente foi lançada (a palavra de Deus) e encontrou um solo receptivo e bem preparado (coração do homem), ela vai crescer e germinar naturalmente. Um crescimento que se refere tanto ao indivíduo, quanto à sua extensão na territorial. A partir do momento em que Jesus entregou sua vida, a semente foi lançada (Jo 12.24) e, tendo morrido, produziu o seu fruto natural em abundância. E, de fato, tem sido assim. O evangelho de Cristo foi semeado por ele, por seus apóstolos e pelos seus discípulos que, através dos séculos, têm levado a sua semente. Sem necessidade de nenhuma ciência humana o reino de Deus cresceu neste mundo, floresceu, frutificou e continuará fruti-

outras coisas **entrem também** em seus corações e sufoquem a palavra. São situações em que há uma interação entre o dono do coração e outros fatores que vêm de fora, que entram em seu coração. Assim como deixam a palavra de Deus entrar, deixam que outros elementos perniciosos entrem e abafem a palavra, tornando-a infrutífera. Os cuidados do mundo tomam mais lugar nesses corações, tornam-se mais importantes que a própria vida eterna.

**3. Há como a Palavra de Deus germinar e reproduzir a vida** - Mt 13.23; mR 4.20; IC 8.15. Ela veio para isso. Foi lançada aos corações com essa finalidade e sempre produzirá seu fruto em algum coração. Mas são corações especiais que:

**a) Dão ouvidos.** Não ouvem somente, não deixam que simplesmente caia em seus corações, porém a recebem (Mr 4.20) e a compreendem (Mt 13.23), permitindo que crie raízes, que se aprofunde cada vez mais. São vedados ao maligno, uma vez que não deixam apenas que a palavra caia à beira dos corações, mas a recebem em seu interior, guardando-a pela compreensão e assimilação.

**b) São retos e bons.** Retidão e bondade são características concedidas por Deus ao homem, como sua criação. Mesmo com a natureza de pecado o homem tem a possibilida-

de e o dever de desenvolver estas qualidades em seus corações. A Bíblia está repleta de referências a homens e mulheres com estas qualidades. Podemos citar Enoque, Noé, Abraão, Isaque, José, Moisés, Ana, Rute, Ester, e tantos outros. Pessoas de corações retos e bons porque confiaram na Palavra de Deus, porque deram crédito a ela, porque se empenharam em recebê-la e vivê-la.

**c) Têm capacidade de retenção da Palavra de Deus.** Uma capacidade desenvolvida pelo interesse, pela fé, pelo desejo de servir e viver conforme os preceitos divinos. Uma capacidade que faz com que se enraíze e produza frutos por toda a vida.

## CONCLUSÃO

O Senhor Jesus semeou a palavra de Deus e seus discípulos continuaram semeando. Ela sempre cairá em corações com as mais diversas características. Cabe a cada um de nós, crentes em Cristo, trabalharmos para fazer com que seu coração se torne receptivo a ela, que tenha capacidade de guardá-la para que possa produzir vida abundante.

### LEITURAS DIÁRIAS

**Segunda** - Mateus 13.1-17

**Terça** - Mateus 13.18-23

**Quarta** - Marcos 4.1-25

**Quinta** - Lucas 8.4-18

**Sexta** - Isaías 55

**Sábado** - Salmo 40.1-10

## Estudo 15

# JESUS CHAMA UM PUBLICANO PARA SER SEU DISCÍPULO

Um das primeiras preocupações de Jesus, ao dar início ao seu ministério, foi a formação do seu grupo apostólico, que teria a responsabilidade na liderança inicial da igreja nascente e, consequentemente, do prosseguimento à obra de expansão do reino de Deus aqui na terra.

O tempo ministerial de Jesus seria bastante curto, de aproximadamente três anos e, por isso, o Senhor não tinha tempo a perder. Mesmo assim, dada a importância de tal obra, a constituição do grupo apostolar levou algum tempo e passou por um processo de escolhas e chamadas de pessoas que se dispunham a segui-lo como já pudemos ver em estudos anteriores. No Evangelho de Mateus (escrito por ele próprio) observamos que se auto-denomina Mateus, que significa **dom, presente de Jeová**, enquanto Marcos e Lucas o denominam Levi, significando **associado**. Não sabemos se sempre era conhecido por esses dois nomes

ou se ele adotou o nome de Mateus após a sua conversão. Pelo fato de Marcos e Lucas o citarem como Levi, parece-nos que esse era o nome com o qual o futuro discípulo era mais conhecido.

Mateus foi um dos últimos dos doze a ser chamado (Mt 9.9; Mc 2.14; Lc 5.27,28) e a sua escolha por Jesus é destacada por três dos quatro escritores dos Evangelhos, o que nos leva a observarmos alguns aspectos que diferenciam das outras chamadas.

## ACHAMADA DE MATEUS

Entre os chamados por Jesus para o grupo apostólico, encontramos pescadores, políticos, lavradores, donas de casa, artesãs e até um publicano, que era um funcionário público do governo romano, responsável pela cobrança dos impostos para o império. Isto fazia com que os judeus tivessem os publicanos como uma casta perniciosa, de traidores, no meio do



povo, e, por isso, os nivelavam com os piores pecadores e evitavam manter relações sociais com eles. Daí, a murmuração dos fariseus e escribas sobre a presença de Jesus com seus discípulos naquele ambiente.

### **1. O momento da chamada**

Aconteceu pouco tempo depois de Jesus ter enfrentado críticas dos escribas e fariseus por ter declarado publicamente o perdão dos pecados de um parálítico e de, provando ter poder divino, curar o parálítico na presença de todos. Não que necessariamente tenha acontecido momentos após, ou no dia seguinte, mas o acontecimento anterior marcante no ministério de Jesus era aquele. O de se ter colocado como alguém de natureza divina, perfeitamente ligado com Deus.

### **2. O atendimento à chamada -**

Humanamente falando a hora era por demais imprópria e o convite quase impossível de ser atendido. Mateus estava sentado na sua mesa de trabalho, exercendo a sua função, ganhando o seu dinheiro (que não era pouco). Jesus chegou e simplesmente disse: **“Segue-me”**, fazendo com que Mateus ficasse momentaneamente entre a segurança e os lucros do seu trabalho e convite de um homem que vivia a perambular pela Galiléia e Judéia, seguido de algumas pessoas que abandonaram tudo para estar com

ele. Não sabemos o que aquele homem pensou de tal convite, nem a amplitude do conhecimento que tinha de Jesus, mas podemos concluir que ele, movido em seu coração, entendeu o que Jesus estava querendo. Os textos bíblicos informam que Mateus simplesmente se levantou e seguiu a Jesus. Não estabeleceu condições nem questionamentos. Lucas registra que ele **deixou tudo, levantou-se e seguiu a Jesus** (Mt 9. 9; Mc 2. 14; Lc 5.28).

Mais tarde, Jesus disse aos seus discípulos: *Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me*” (Mt 16. 24), deixando claro as suas exigências com respeito ao discipulado cristão. Seguir a Jesus implica em renúncia, em sinceridade, em obediência. Não foi apenas uma exigência para os apóstolos, no passado, mas para todos os seus seguidores e em todos os tempos, até agora. Seguir a Jesus é coisa séria!

### **2. Os efeitos da chamada no novo discípulo -**

Como já vinha acontecendo no ministério de Jesus, seu ato gerou sentimentos divergentes em corações humanos. Em Mateus gerou uma nova vida, completamente diferente da que levava. De repente se viu livre de toda uma carga social e psicológica e, também, de uma carga de pecados. Além disto sua vida foi dinamizada e, de beneficiário do

precisava ser ouvida pela própria vontade do homem, que precisava ser atendida, que faria a diferença quanto ao juízo divino e quanto à frutificação para o reino de Deus (Mr 4.23-25). Jesus estava falando dele próprio como aquele que estava levando a palavra de Deus, palavra de vida, aos judeus, que precisavam ouvir e que assumiriam a própria responsabilidade pelo efeito da palavra em seus corações. Lucas registra que ele disse: *“Saiu o semeador a semear a sua semente”* (Lc 8.5). Ora, se a semente é a Palavra de Deus, o semeador estava semeando a sua própria palavra. No entanto, a figura pode ser, também aplicada à sua pregação através dos seus discípulos que veio a acontecer posteriormente e que continua acontecendo até os dias de hoje.

**2. Sendo semeada, a Palavra de Deus sempre cai em algum tipo de coração.** Ela nunca volta vazia, sem ter encontrado destino (Is 55.11). Mas existem tipos de corações diferentes, que recebem a palavra de maneiras diversas, que permitem ou não que germine e produza vida. Jesus aponta para três fatores que impedem a Palavra de Deus de germinar nos corações:

**a) Fatores espirituais -** Mt 13.19; Mr 4.15; Lc 8.12. A palavra chega ao coração, mas Satanás logo vem e **tira** do coração, porque não quer que ninguém se salve. Jesus mostra

que **há uma luta espiritual terrível do maligno contra o seu trabalho de salvar vidas**. Tristes daqueles que se esforçam por ignorar esta luta e não preparam seus corações para Cristo. Tristes daqueles que pensam que Satanás não existe, ou que não penetra nos corações para arrancar de lá a palavra de Deus. Tristes daqueles que não observam as artimanhas de Satanás para arrancar a palavra de Deus dos corações.

**b) Fatores pessoais -** Mt 13.20,21; Mr 4.16,17; Lc 8.13. Não ter raiz em si próprio por causa do solo rochoso (esta é a melhor tradução, uma vez que a palavra grega é *petrodes* que traz mais a idéia de *rocha* do que de *pedras pequenas*) é indicação de fraqueza pessoal por dureza de coração. São pessoas que ouvem a palavra e até a recebem com alegria, porém, pela dureza dos corações, não permitem que ela se aprofunde, que crie raiz a fim de reproduzir a vida. Não são as tribulações ou a perseguição por causa da própria palavra de Deus que faz com que caiam, que se escandalizem do evangelho de Jesus Cristo, porém seus próprios corações que têm solo raso para a palavra de Deus.

**c) Fatores interpessoais -** Mt 13.22; Mr 4.18,19; Lc 8.14. Marcos registra que Jesus ensinou que há pessoas que ouvem a palavra, mas que deixam que os cuidados deste mundo, as riquezas e o desejo de



fossem meras fantasias. No entanto, as parábolas são ilustrações de realidades, são demonstrações alegóricas de verdades que Jesus desejava demonstrar e que, para isto, utilizava determinadas figuras formadas através de parábolas ou narrativas de fatos reais, que precisavam ser compreendidas e aplicadas.

Nesta parábola Jesus utiliza as seguintes figuras:

**1. A semente.** É uma das figuras centrais desta parábola e tem um significado definido pelo próprio Senhor (Lc 8.11): **é a palavra de Deus.** Logicamente foi utilizada por Jesus por causa do seu aspecto natural de ter a vida em si e de ser capaz de frutificar transmitindo vida. A palavra grega utilizada nos textos é *sporo* que significa *partícula capaz de germinar, produzindo novo organismo*. A idéia é a de a palavra de Deus produzir vida eterna naqueles que a recebem e permitem, de alguma forma, que produza o seu efeito natural (Lc 8.12).

**2. O semeador.** Aquele que leva a semente, que a lança no solo com a finalidade de produzir frutos em uma sara que deverá crescer e ser ceifada no tempo certo.

**3. Os solos.** Lugares onde as sementes se reproduzem. Representam os corações dos homens (Mt 13.19; Lc 8.12) que, por motivos

diversos, podem ser apropriados ou não para a germinação eficiente da semente.

**4. Os empecilhos para a germinação das sementes.** Quando um semeador lança a sua semente, o que mais deseja em seu coração é vê-la germinar, reproduzindo a vida que contém. Mas sempre existem empecilhos naturais ou produzidos por outros seres. Jesus aponta para esses empecilhos como sendo uma realidade espiritual.

#### A INTERPRETAÇÃO DA PARÁBOLA

*Mt 13.18-23; Mr 4.13-25; Lc 8.11-18*

Quando estavam sozinhos, Interrogado pelos seus discípulos, o próprio Senhor Jesus explicou a parábola, o que tornou fácil a sua interpretação.

**1. A Palavra de Deus é semeada.** Jesus foi enfático em afirmar que o “semeador saiu a semear” e, depois, na explicação da parábola, que “o semeador semeia a palavra” (Mr 4.14). Não está falando de uma possibilidade, porém de um fato que estava acontecendo e que continuaria sendo uma realidade. Uma realidade que teria que acontecer, tanto quanto a luz tem que ser colocada em lugar visível para produzir o seu efeito, para manifestar o que precisa ser visto (Mr 4.21) Uma anunciação que precisava ser

povo passou a ser beneficente, já que cooperava com o ministério de Jesus Cristo. Essa nova vida gerou imensa alegria, tanto que, agradecido, promoveu **um lauto banquete em sua casa**, homenageando assim a Jesus e seus discípulos, perante muitos convidados especiais (Mt 9.10; Mc 2.15; Lc 5.29). Observamos aqui essa manifestação de alegria e gratidão que encontramos em outros casos semelhantes no Novo Testamento: Zaqueu, Simão (o leproso), Lázaro, e outros mais. Observamos também o prazer que Jesus tinha em participar desses banquetes, sempre se aproveitando da oportunidade para dar lições especiais. Jesus é “pintado” e tido como um homem sisudo, apático, indiferente, que nunca riu. Mas, como vimos, isso não é verdade, lembrando ainda que ele iniciou o seu ministério numa festa de casamento em Caná da Galiléia. Seria uma incoerência Jesus pregar alegria e ele próprio não dar o exemplo.

**3. Os efeitos da chamada nos líderes judeus** - Os críticos nunca faltaram no ministério de Jesus. Junto com a multidão que ia ao encontro de Jesus em busca de salvação, de cura, de conforto, de paz, também muitos iam para criticá-lo, principalmente os fariseus, saduceus, escribas e outros religiosos. Certa vez, inclusive, o Senhor se lamentou desse fato (Mt

11.16-19). Neste episódio não foi diferente. Logo Jesus foi criticado porque ele e seus discípulos estavam se misturando com publicanos e pecadores, o que era um verdadeiro anátema para os judeus. Sobre isso, já tinham criticado a Jesus noutras ocasiões. Sentiam-se melhores, superiores, perfeitos, merecedores; enquanto que os publicanos e pecadores, para eles, eram imperfeitos, inferiores, sem mérito algum. Provavelmente procuravam, com suas críticas, convencer seus próprios corações de que Jesus não podia vir da parte de Deus. Como poderia alguém que se dizia Filho de Deus, capaz de perdoar pecados, estar misturado com pecadores?

A resposta de Jesus veio com os seus ensinamentos.

#### OS ENSINAMENTOS DE JESUS

Em resposta às críticas dos seus oponentes, Jesus disse: *“Os são não precisam de médico, e sim os doentes. Não vim chamar justos, e sim pecadores, ao arrependimento* (Lc 5.32). Com isto deixou os seguintes ensinamentos para os presentes e para todos os seus futuros seguidores:

**1. Jesus veio para os enfermos** - É lógico entendermos que Jesus não estava se referindo a enfermos físicos, embora tenha realizado muitas curas físicas durante o seu ministério messiânico aqui na terra.

Todavia, a maior preocupação de Jesus, diretamente relacionada com o seu ministério, sempre foi primeiramente os enfermos espirituais, os pecadores (Mt 9.2). Não havia motivos para os líderes judeus estarem alvoroçados, querendo igualar Jesus aos pecadores. Jesus era o médico, os publicanos e os pecadores eram os enfermos. Era exatamente ali que Jesus deveria estar. Os líderes judeus não se julgavam enfermos espirituais, logo não significando nada a presença de Jesus para eles.

É triste o fato de que ainda hoje muitos desses doentes, tais como os fariseus e saduceus, procuram justificar-se a si próprios através de atos religiosos (o jejum é o exemplo vivo apontado pelos evangelistas), em vez de buscar o Médico dos médicos. Jesus aponta o caminho certo - Eu sou o Caminho -, disse ele, mas o homem pecador cria os seus próprios caminhos, que nunca levarão ao destino. Ele afirmou: "...ninguém vem ao Pai, senão por mim" (João 14. 6).

**2. O arrependimento é o único remédio que permite a ação de Jesus** - Jesus veio a esse mundo com uma missão especial a cumprir: "buscar e salvar o que se havia perdido" (Lc 19.10). O perdido é o pecador e a Bíblia diz que todos pecaram (Rm 3.23). Logo todos os que estão no pecado são perdidos, sem salvação para a eternidade. Isso salvar os líderes judeus e a maioria do seu povo? Por que não consegue

salvar a todos agora? Porque há uma atitude pessoal do homem que possibilita a ação salvadora em sua vida: o arrependimento. Sem arrependimento não há salvação dos pecados, sem arrependimento Jesus não pode operar a salvação na vida do pecador.

## CONCLUSÃO

No cristianismo não há lugar para os que se julgam perfeitos, bons, merecedores da salvação, firmados em seus próprios conceitos e procedimentos religiosos e sociais. Para estes Jesus não veio; seu sacrifício não surte qualquer efeito, porque não reconhecem intimamente a necessidade de receberem a salvação. Aham que a conquistarão por si próprios. Na realidade são enfermos que não se reconhecem como tal.

Os verdadeiros discípulos de Cristo são aqueles que reconhecem os seus pecados, se alegram com a presença de Cristo, com o seu chamado a uma vida de santificação e, arrependidos, se colocam sob seus cuidados, seus ensinamentos e sua condução à eternidade.

### LEITURAS DIÁRIAS

**Segunda-feira:** Mt 4. 12-25

**Terça-feira:** Jo 1. 35-51

**Quarta-feira:** Mt 9. 9-13

**Quinta-feira:** Mc 6. 1-13

**Sexta-feira:** Lc 5. 27-39

**Sábado:** At 1. 1-14

## Estudo 25

### A PARÁBOLA DO SEMEADOR

Depois dos episódios em que Jesus foi apontado pelos escribas e fariseus como tendo parte com Belzebu, em que declarou a gravidade da blasfêmia contra o Espírito Santo, e em que negou conceder algum tipo de sinal àquele grupo de judeus, declarando a necessidade de crerem nas suas palavras e se arrependerem dos seus pecados, retirou-se da casa onde se encontrava e dirigiu-se para a beira do mar da Galiléia. A multidão não o deixou e reuniu-se novamente em torno dele e, agora, em número superior e crescente, já que vinha gente de todas as cidades. Então, apertado pela multidão, entrou em um barco, sentou-se nele e, demonstrando a importância da sua pregação, começou a falar ao povo que estava em pé na praia.

Para que somente os seus discípulos compreendessem o que ensinava, conforme ele próprio declarou (Mt 13.10-15) para que os que o rejeitaram por causa da dureza de seus corações não desfrutassem da sua misericórdia (Mt 13.15)

através da compreensão da sua palavra, começou a proferir uma série de parábolas a respeito da natureza do reino de Deus (também chamado por ele de reino dos céus) como fonte de vida, da disposição da vida a todos através da semente da Palavra de Deus e das lutas e esforços do homem contra forças espirituais malignas, contra si próprio e contra situações deste mundo para poder desfrutar da vida que é oferecida por Deus a todos quantos recebem a sua Palavra personificada no próprio Messias.

Por ser uma parábola extensa e com diversos ensinamentos que necessitam ser observados atentamente, iniciaremos o estudo com a parábola que ficou conhecida como sendo "a do semeador".

### AS FIGURAS EMPREGADAS POR JESUS

Há quem pense que as parábolas são como historietas inverídicas e chegam a desprezar os ensinamentos contidos nelas como se

família física, não era a sua família judia somente, mas era sua família espiritual.

Se os judeus não davam importância à pregação da salvação, do arrependimento dos pecados, da crença em Jesus Cristo como o Messias, porque se julgavam salvos ou pertencentes à família de Deus somente por serem irmãos de raça, por terem a mesma origem física, por serem judeus, estavam enganados. A família de Deus era a família de Cristo e a família de Cristo são os seus discípulos, os que deram crédito às suas palavras e se puseram a segui-lo sem contestações. Os que se fizeram filhos de Deus por terem recebido Jesus Cristo (Jo 1.12) e, conseqüentemente, terem sido feitos herdeiros do reino dos céus. Declarou isto ao dizer: “minha mãe e meus irmãos são estes que **ouvem** a palavra de Deus e a **observam** (Lc 8.21).

## CONCLUSÃO

Para o reino de Deus, para a salvação oferecida por Jesus aos que se arrependem dos seus pecados, de nada adiantam os sinais e maravilhas. O sinal que deve ser crido é o próprio Jesus, a sua morte e ressurreição dentre os mortos, porque é o sinal máximo da sua divindade e do seu poder.

Cabe ao homem crer em Cristo como o único Filho gerado de Deus,

dar ouvidos às suas palavras, arrepender-se dos seus pecados e aceitar a salvação oferecida por ele. Assim é demonstrada a fé em Jesus Cristo. E, devemos lembrar, a salvação só existe por meio da fé em Jesus (Gálatas 2.8).

Fora disso não há salvação, apenas condenação. Fora disso não há bondade, apenas maldade pela rejeição do Filho de Deus como único Salvador. Fora disso não há verdade, somente adulteração do evangelho, adulteração que leva o homem a crer somente no que vê, deixando de crer no Deus invisível, a quem não pode ver; há somente mentira que leva o homem ao endurecimento contra a palavra de Deus, endurecimento gradativo e crescente do seu coração.

Se você quiser saber mais a respeito da doutrina bíblica da salvação, leia a revista **O PECADO E A SALVAÇÃO**, de autoria do Pr Dinelcir de Souza Lima, publicada por esta editora.

[www.editorabatistabrasileira.com](http://www.editorabatistabrasileira.com)

### LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Mateus 12.38-50  
Terça - Mr 3.31-35; Lc 8.19-21  
Quarta - 1Reis 10.1-13  
Quinta - Jonas 1  
Sexta - Jonas 2  
Sábado - Jonas 3

## Estudo 16

# JESUS ENSINA A RESPEITO DO

O jantar que Mateus ofereceu a Jesus gerou murmurações dos fariseus e escribas porque o Senhor participava da mesa de publicanos e pecadores. Jesus retrucou com a declaração de que os santos não necessitam de médicos, porém os enfermos e de que ele veio para chamar os pecadores ao arrependimento.

Os evangelistas registram o episódio que estudaremos como sendo seguinte à declaração de Jesus, porém Lucas o coloca como sendo um ato contínuo, durante o próprio banquete, como reação às palavras de Cristo. Isto significa que estavam incomodados e argumentando com Jesus com a finalidade de mostrar que eram justos (enquanto os discípulos de Jesus injustos) porque jejuavam com frequência. Ou seja, se utilizaram de uma prática religiosa como manifestação de uma vida justa, correta, diante de Deus.

A resposta de Jesus foi surpreendente e sábia e nos deixou ensinamentos claros e inequívocos a respeito de uma prática religiosa que

é generalizada na maioria absoluta das religiões pagãs, que penetrou no judaísmo praticado nos tempos de Jesus e que tem chegado até o meio evangélico como se fosse uma prática do cristianismo.

Este estudo, sendo realizado com sinceridade de coração, com propósito de dar ouvidos aos ensinamentos de Cristo, certamente nos fará assumir uma posição que seja, de fato, moldada em um cristianismo autêntico.

## O JEJUM DOS JUDEUS

Mt 9.14; Mc 2.18; Lc 5.33

Quando se discute a respeito da prática do jejum e alguém fala a respeito do tipo de jejum a que se referiam os judeus quando questionavam Jesus, logo surge uma argumentação do tipo: “Jejum é jejum”. Não é uma argumentação válida e demonstra apenas falta de conhecimento a respeito de uma prática religiosa que foi introduzida no judaísmo alguns séculos antes de Cristo e que passou a ser observada como se fosse um preceito divino.



Jejuar, à princípio, é ficar sem comer por um período em que o estômago fique completamente vazio. Médicos costumam mandar pacientes jejuarem quando têm que fazer algum tipo de exame médico. Mas, a expressão tomou conotação religiosa também e significa ficar sem alimento algum, com a finalidade de alcançar algum tipo de poder ou benefício espiritual. Esse tipo de jejum não é encontrado em lugar algum nos escritos da Lei, no Velho Testamento. Em momento algum Deus mandou que seu povo ficasse sem se alimentar a fim de conquistar algum tipo de capacitação espiritual. Mas os judeus nos tempos de Jesus praticavam o jejum com essa finalidade. Se consideravam fiéis, justos, bons diante de Deus, por praticarem o jejum.

Ora, se Deus nunca ordenou ao seu povo que ficasse sem comer com a finalidade de conseguir algum tipo de capacitação espiritual, ou de ter mais comunhão com ele, de onde os judeus tiraram, então, esse costume?

Pode parecer contraditório a tudo que se disse até agora, mas a origem está em uma ordem de Deus, encontrada em Levítico 16.29,30, para que no dia da expiação (data anual em que um cordeiro era sacrificado pelos pecados do povo) houvesse *aflição da alma* (entristecimento profundo) que seria manifestado não somente pela falta

de ingestão de alimentos, quanto pela falta de qualquer tipo de atividade (Nm 29.7). Uma ordem somente em que não é focalizado o jejum como objetivo, porém como consequência de um sentimento de profunda tristeza. Muitos séculos depois, nos tempos do rei Acabe, vamos encontrar a primeira ordem para o povo jejuar (não afligir a alma, mas ficar sem comer mesmo), dada não por Deus, nem algum sacerdote ou profeta do povo de Deus, mas por Jezabel (1Reis 21.8-14), mulher que Acabe tomara de povos pagãos vizinhos e que desejava forjar um ato religioso ao decretar a morte de Nabote, a fim de tomar a sua vinha.

Depois vamos encontrar o próprio povo estabelecendo quatro datas comemorativas de luto, de aflição da alma, por acontecimentos que entristeceram completamente o povo: 1) O dia em que Nabucodonozor iniciou o cerco à Jerusalém (2 Reis 25.1); 2) O dia em que a cidade de Jerusalém foi tomada por Nabucodonozor (Jer 52.6-11); 3) O dia em que o templo de Jerusalém foi destruído por Nabucodonozor (2Reis 25.8-10); 4) O dia em que Gedalias foi assassinado por outro judeu (2Reis 25.25; Jer 41.2). Não foram datas estabelecidas por Deus, nem os atos que demonstravam a tristeza eram de algum valor espiritual, mas eram dias em que o povo observava com profunda tristeza.

10.1; 2Cr 9.1) que “veio dos confins da terra para **ouvir a sabedoria de Salomão**”, que era “acerca do nome do Senhor” (1Rs 10.1-5). Jonas não realizou nenhum sinal; ele próprio era o sinal de Deus e anunciou a salvação aos ninivitas que creram e se arrependeram. Salomão não fez nenhum sinal; a sua sabedoria acerca do nome do Senhor era o sinal de Deus e foi a sua anunciação das coisas a respeito de Deus que fez com que a rainha de Sabá bendiscesse o nome de Deus e reconhecesse em Salomão o amor de Deus pelo seu povo (1Rs 10.9).

Sendo ele, Jesus, maior do que Jonas e maior do que Salomão, os judeus, que criam na história de Jonas e da rainha de Sabá e que exaltavam a sabedoria de Salomão, para serem justificados no juízo, deveriam crer que Jesus era o Messias vindo de Deus. Deveriam crer na sua pregação, nas suas palavras a respeito de salvação e das coisas do nome de Deus. Mas Jesus declarou que isto não aconteceria, que eles iriam de mal a pior. Jesus veio, expulsou os demônios do meio do povo judeu, limpou corações, mas eles voltariam porque o povo não deu crédito a Jesus, sinal de Deus para o seu povo; não deu ouvidos à sua pregação e não se arrependeu dos seus pecados. Por isso a incredulidade cresceria, o domínio maligno se alastraria e o futuro espiritual daquele povo

será pior que nos tempos do Senhor (v. 43-45).

## A APLICAÇÃO PRÁTICA DAS PALAVRAS DE JESUS

*Mt 12.46-50; Mc 3.31-35; Lc 8.19-21*

Quando Jesus ainda falava, na casa locupletada de judeus, a sua mãe e os seus irmãos chegaram e ficaram do lado de fora porque não podiam entrar. Então mandaram chamá-lo para ir até onde estavam. Era a sua família judia, física e talvez se sentissem com mais direitos ou intimidade com ele. Afinal eram Maria, a mulher que o gerara no ventre, e os irmãos que também foram gerados no ventre de Maria. Eram duas vezes da família de Jesus, porque eram, também, judeus.

Ao invés de atender ao chamado (triste realidade para os que crêem em uma autoridade materna de Maria sobre Jesus), aproveitou a oportunidade para fazer uma aplicação prática dos seus ensinamentos e perguntou quem eram sua mãe e seus irmãos. Seriam aqueles da sua família terrena, carnal? Demonstrou e disse que não. Estendeu a sua mão **para os seus discípulos**, para aqueles que creram na sua pregação, que o reconheceram como Messias de Deus, que deixaram tudo para segui-lo e os apresentou como sendo a sua família de fato. Como a sua mãe e irmãos e irmãs (Mt 12.48,49). Não eram sua carne, não eram sua



corações. Era um subterfúgio, um meio de continuarem em sua incredulidade sem o incômodo das palavras de Jesus.

### **O SINAL OFERECIDO POR JESUS - Mt 12.39-40**

Ele não concedeu o sinal que era requerido pelos judeus. Pelo contrário, declarou que aquele povo era mau e adúltero. **Mau** porque rejeitava o próprio Filho de Deus. O apóstolo João disse que ele “veio para o que era seu, mas os seus não o receberam” (Jo 1.11). Não existe maldade maior no homem do que rejeitar o próprio Filho de Deus que, deixando a eternidade, se fez carne e se entregou à morte para salvar o homem. No caso dos judeus, uma maldade terrível porque era um povo especial, formado com a finalidade de ser o veículo do nascimento do Messias. Jesus nasceu no seio daquele povo e veio, primeiramente, para os judeus dando-lhes a primazia da salvação. **Adúltero** porque mudava a verdade de Deus fazendo passar por mentira. Jesus era a própria personificação da verdade divina (ele declarou ser a verdade - Jo 14.6) e os escribas e fariseus haviam, há poucos instantes, procurado transformar a verdade em mentira.

Para aquele povo os sinais de Jesus nunca seriam eficazes. Teriam que crer na sua palavra, a de que

morreria, passaria três dias no seio da terra e, então, ressuscitaria.

Comparou o sinal da sua ressurreição com o do profeta Jonas que, em proporções menores, parecia impossível mas aconteceu. Aconteceu e surtiu o efeito que deveria surtir nos corações dos ninivitas, a aceitação da pregação e o arrependimento dos pecados (v. 41), que fez com que não houvesse a condenação da parte de Deus.

A ressurreição de Jesus seria incontestável como manifestação da sua divindade e, se alguém desejasse reconhecê-lo como Messias e a salvação oferecida por ele, deveria crer na sua pregação e se arrepender dos pecados.

### **O EFEITO DO SINAL NO POVO JUDEU - Mt 12.41-45**

Ao mesmo tempo que anunciou o sinal e o efeito que deveria produzir no coração dos homens, o arrependimento dos pecados e a conversão a Deus através da pregação, Jesus anunciou que o sinal seria para a condenação daqueles que chamou de “geração má e adúltera”. Seria para a condenação porque aquele povo, tão preocupado com sinais, deveria dar ouvidos à pregação, às palavras que eram anunciadas. Isto ficou evidenciado na sua referência aos ninivitas que se arrependeram com a **pregação** de Jonas (Jn 3.5), e à rainha do sul (rainha de Sabá - 1Rs

O jejum praticado nos dias de Jesus não era devido a um entristecimento profundo, mas era uma prática religiosa. Assemelhava-se mais às práticas dos povos pagãos que ficavam sem comer a fim de conseguirem a atenção dos seus deuses, ou de conquistarem uma purificação espiritual (prática até hoje comum entre religiosos orientais, como budistas, jainistas, induístas, zoroastristas etc); era uma prática introduzida pelos líderes judeus durante o período chamado inter-bíblico (cerca de 400 anos entre Malaquias e Jesus) que mais se assemelhava aos costume conhecido por Jezabel e que foi trazido por ela para o meio do povo de Deus.

### **O JEJUM ENSINADO POR JESUS**

*Mt 9.15-17; Mc 2.19-22; Lc 5.34-39*

Com base no que vimos acima, nos textos do Velho Testamento e nas palavras de Jesus, podemos dizer com certeza que o que o Senhor tinha em mente a respeito de jejum não era a mesma coisa que os judeus tinham. Eles estavam presos a uma tradição humana de séculos e pensavam no jejum como elemento de purificação da alma, como ritual religioso. Pensavam que jejuar trazia algum mérito diante de Deus. E Jesus, pensava o que?

**1. Jesus pensava como Filho de Deus - Mt 9.15; Mc 2.19,20; Lc 5.34,35.** Fato comprovado é que

Jesus nunca pensava como os fariseus. Seus pensamentos eram completamente distanciados dos deles. Quanto ao jejum era a mesma coisa. Jesus pensava como o próprio Deus. Ele estava junto com o Pai no princípio de todas as coisas, inclusive na formação e condução do povo de Israel (1Cor 10.4) e, logicamente, participou de todo o estabelecimento da Lei para o povo de Deus. Como poderia pensar diferente do que ele próprio, junto com o Pai, ordenara a Moisés que escrevesse? Seu pensamento era o mesmo de quando Deus estabeleceu o dia da expiação e, juntamente, estabeleceu que naquele dia haveria aflição da alma, entristecimento profundo. Suas palavras demonstram isso, principalmente as que são registradas por Mateus. Jesus perguntou: **“Podem porventura ficar tristes...”** Imediatamente ele associou o jejum à tristeza e não ao poder, ou ao aperfeiçoamento espiritual, ou, ainda, à comunhão com Deus.

Depois associou o jejum ao sacrifício do Cordeiro, colocando-se na figura do noivo (como ele fez em várias ocasiões) em uma alegoria a respeito da sua estada com seus discípulos (que eram o alvo do questionamento) e do seu sacrifício, quando, então, seria tirado do meio deles. Ele disse: **“...os convidados às núpcias** (seus discípulos) **enquanto o noivo está com eles?**

(Jesus junto com eles durante o seu ministério) **Enquanto têm consigo o noivo não podem jejuar** (conf. Mc 2.19 Jesus afirmou que não podem jejuar os que estão com ele). **Dias virão, porém, em que lhes será tirado o noivo, e então hão de jejuar** (referência ao dia em que seria retirado do meio deles para ser sacrificado uma referência ao sacrifício do Cordeiro e à tristeza que se apoderaria deles). É certo que os judeus, quando jejuavam duas vezes por semana não pensavam em nada disso.

**2. Jesus pensava como quem estava estabelecendo um Novo Concerto** Mt 9.16,17; Mc 2.21,22; Lc 5.36-39. Não entrando no mérito de que tipo de jejum os judeus guardavam, Jesus fechou a sua argumentação com uma parábola em que ele mostrava a separação que deveria existir das coisas do Velho Testamento e das coisas do Novo Testamento, no que era concernente aos rituais religiosos e de culto. Comparou o Antigo Pacto a um tecido antigo e a um odre velho; e o Novo Pacto a um tecido novo e a um odre novo. Os elementos de um e de outro (no caso o jejum como era referido por Jesus, como aflição da alma) foram simbolizados pelo vinho. O conteúdo do Velho Pacto não poderia ser colocado no Novo Pacto e o conteúdo do Novo Pacto não poderia ser colocado no Velho Pacto. Ou seja, a aflição da alma

pelo simbolismo do seu sacrifício, o sacrifício de um animal, não poderia fazer parte do Novo Pacto, não havia possibilidades, porque o Cordeiro de Deus seria sacrificado de fato e, aí sim, naquele dia seus discípulos estariam entristecidos, com suas almas aflitas. Não por obrigação de um dever religioso, mas pelo sentimento da alma de ver o Salvador morrer na Cruz do Calvário.

## CONCLUSÃO

Em estudos posteriores ainda estaremos analisando outros textos que possuem referência ao jejum e, na ocasião, estaremos esclarecendo outros pontos ainda. Mas, já à partir deste texto, devemos reconhecer que: 1) Jejum para Jesus era sentimento de tristeza e não ritual de purificação; 2) Jejum para Jesus, mesmo como sentimento de tristeza, era algo que fazia parte do Velho Pacto por ser estabelecido para épocas que representavam o seu próprio sacrifício e, agora, no Novo Pacto, ele seria sacrificado uma única vez e seus discípulos se entristeceriam uma única vez, também. Como somos seus discípulos, e como o temos conosco todos os dias, não há porque jejuarmos.

### LEITURAS DIÁRIAS

**Segunda** - Mat 9.14-17; **Terça** - Mar 2.18-22; **Quarta** - Luc 5.33-39 **Quinta** - Lev 16; **Sexta** - Num 29; **Sábado** - 1Reis 21

## Estudo 24

# OS JUDEUS PEDEM UM SINAL A JESUS

Jesus havia curado um endemoninhado e isto provocara reações diversas e polarizadas nos que assistiram: **a multidão** ficou maravilhada e começou a perceber que ele poderia ser o Messias (Mt 12.23); e **os escribas e fariseus**, líderes religiosos do povo judeu, tentaram dissuadir o povo, afirmando que Jesus expulsava demônios por Belzebu. Isto fez com que o Senhor os repreendesse severamente, demonstrando, inclusive, que estavam condenados por causa da maldade que existia em seus corações.

Ao invés de se arrependermos, dando uma demonstração da terrível dureza que existia em seus corações, alguns dos escribas e fariseus tomaram a palavra e pediram a Jesus que lhes desse algum sinal que demonstrasse estar agindo pelo Espírito de Deus realmente (12.28). Jesus não concedeu sinal algum, novamente os admoestou e, quando estava ainda a falar, chegaram sua mãe e seus irmãos procurando falar-lhe. Jesus

aproveitou a ocasião para fazer uma aplicação prática do que estava ensinando.

É sobre os ensinamentos de Jesus e a aplicação prática dos seus ensinamentos que estaremos estudando.

## A INCOERÊNCIA DO PEDIDO DOS JUDEUS

Mt 12.38

Os escribas e fariseus pediram o que Jesus já vinha concedendo desde o início do seu ministério. Transformara água em vinho, curara inúmeros enfermos e aleijados, expulsara demônios, ressuscitara mortos e anunciara a salvação. Há pouco havia realizado um milagre em que expulsou um demônio e curou um cego e mudo e foi exatamente esse milagre que gerou as reações dos escribas e fariseus contrários a Jesus, que fez com que procurassem desacreditá-lo.

Era um pedido incoerente com o momento e hipócrita que servia apenas para desviar as palavras que Jesus dirigia diretamente aos seus

**4. O que se fala é resultado do que há no interior do homem que á de ser responsabilizado pelas suas próprias atitudes interiores** v. 34-37. O que os fariseus e escribas falaram não foi resultado do acaso, ou de uma ignorância a respeito de Jesus, mas a frutificação do mal que estava em seus corações. Por isso seriam responsabilizados no dia do juízo final e teriam que dar contas ao próprio Senhor Jesus no dia do juízo final e, certamente, seriam condenados pelas palavras proferidas à partir dos seus corações malignos.

## CONCLUSÃO

Há pessoas que rejeitam conscientemente a Jesus Cristo, mesmo sabendo da sua realidade divina. Podem existir mesmo no meio do povo de Deus e podem ocupar posições religiosas respeitáveis aos olhos humanos. Mas seus corações poderão ser reconhecidos por suas palavras que sempre colocarão Jesus Cristo em segundo plano, que sempre procurarão menosprezar o que Cristo fez e faz pelo pecador e contra as potestades malignas. Suas palavras estarão sempre fora do contexto das Escrituras, torcendo-as e procurando afastar pessoas do reconhecimento de que Jesus Cristo é o Filho de Deus que veio ao mundo para conceder a salvação a todos quantos crerem nele.

Tais pessoas, por melhor que seja a sua aparência religiosa, já têm a condenação garantida por Jesus Cristo e não devem ser seguidas, sob pena de seus seguidores serem levados, também, à perdição eterna.

Não têm salvação porque ultrapassaram limites de malignidade e se tornaram tão maus quanto o próprio Satanás que luta contra o Senhor Jesus Cristo e contra a sua obra de salvação da humanidade. Por lutarem contra Jesus Cristo, sabendo quem ele é e do poder divino que possui, blasfemam contra o Espírito Santo que é o próprio Espírito de Cristo e, na sua blasfêmia, irão de mal à pior, sem possibilidade de perdão por causa da dureza de seus corações.

Aos que crêem em Jesus Cristo como Salvador e o têm como Senhor, nunca blasfemarão contra o Espírito, porque nunca se lançarão conscientemente contra o Senhor Jesus, mas estarão ao seu dispor para servi-lo na propagação do reino de Deus.

## LEITURAS DIÁRIAS

**Segunda-feira** - Lucas 8.1-3

**Terça-feira** - Mateus 12.22-37

**Quarta-feira** - Marcos 3.20-30

**Quinta-feira** - Romanos 10.1-13

**Sexta-feira** - Romanos 8.1-9

**Sábado** - Efésios 5.6-17

## Estudo 17

# JESUS É SENHOR DO SÁBADO

**Textos básicos:** Mt.12. 1-14; Mc.2. 23-28; 3.1-6; Lc. 6.1-11; Jo 5.1-47

Difícil dizer em que ocasião Jesus saiu da Galiléia e subiu novamente a Jerusalém, conforme está registrado no texto de João 5.1-47, mas há uma grande concordância em que seria por ocasião da segunda comemoração da Páscoa que aconteceu durante os três anos do ministério de Jesus. Daí S.L. Watson e W.E. Allen, em sua obra Harmonia dos Evangelhos, editada pela JUERP, Rio de Janeiro, 1983, colocar este episódio como sendo em ocasião aproximada aos acontecimentos registrados em Mat. 12.1-14; Mar 2.23-28; 3.1-6; e Luc. 6.1-11, o que para nossos estudos é bastante apropriado, uma vez que o tema central destes textos é a reação dos religiosos judeus aos atos realizados por Jesus em dias de descanso no calendário religioso dos judeus.

Vamos estudá-los em conjunto, observando o que Jesus realizou, os seus ensinamentos e a reação dos líderes religiosos judeus.

## ACURADO PARALÍTICO

João 5.1-47

Quando estava chegando em Jerusalém, na entrada de uma das

portas da cidade, conhecida como porta das ovelhas pois havia sido utilizada pelos pastores por muito tempo para conduzirem rebanhos por ela, colocando-as para descansar debaixo dos alpendres e beber água no tanque, Jesus encontra uma verdadeira multidão de enfermos que estava abrigada nos alpendres, junto a um tanque chamado Betesda e, dentre eles, um homem enfermo há 38 anos que aguardava ali, prostrado, um momento em que, se lançando ao tanque, ficaria curado. Por suas palavras de desânimo dirigidas a Jesus e pelo tempo que jazia naquele lugar, percebemos que isso para ele era quase impossível. Sua enfermidade o impedia de locomover-se, ninguém se dispunha a ajuda-lo e, por isso, sempre alguém descia na sua frente quando as águas eram agitadas por uma providência divina. O Senhor aproxima-se dele, pergunta se desejava ficar são e, imediata e definitivamente, dá-lhe saúde mandando que vá para casa levando consigo o seu leito.

Ver o homem carregando sua cama provocou reação imediata nos



judeus. Naturalmente deveria ter sido de alegria, porém foi de ira, e isto porque estava realizando um tipo de trabalho no dia do descanso. Inquirido, o que fora aleijado respondeu que obedecia ordens de quem o curara (v. 11) e o fez sem nem mesmo saber quem era (v. 13). Depois Jesus o encontrou no templo e o advertiu que não pecasse mais. Certamente se identificou para o homem, porque este foi procurar os judeus e avisou que era Jesus quem o curara. Os judeus, então, foram procurar Jesus para inquiri-lo a respeito da sua prática no dia do descanso, e chegaram ao ponto de querer matá-lo porque Jesus declarou-se Filho de Deus (v. 18).

A ação de Jesus e a sua resposta aos judeus que o perseguiram nos deixaram diversos ensinamentos, dos quais queremos destacar:

**1. Jesus agiu como o Pai agiria** v.17-23,30. Aqueles homens que pareciam tão preocupados com a Lei não estavam nem aí para aquele homem que vivera uma vida inteira de sofrimentos e que, agora restabelecido, não dependia mais de ninguém para carregá-lo (v.9) e podia entrar no templo e louvar a Deus (v.14). Em sua resposta, Cristo mostra que para Deus e, conseqüentemente para ele, Filho de Deus, o homem vale muito mais que regras impostas pelos próprios homens; que assim como o Pai trabalha continuamente pelo bem-estar do

ser humano, para dar-lhe a vida, o Filho também trabalha. No modo de agir de Deus a vida do homem é sempre o que há de mais valioso e Jesus agiu como o Pai:

**a) Dando mais importância ao homem do que ao dia do descanso** - o tempo do descanso foi feito para o homem e não o homem para o tempo do descanso;

**b) Dando a vida a um homem que foi escolhido dentre muitos outros** - Ali existiam muitos enfermos mas Jesus, livrou apenas um do seu sofrimento;

**c) Exercendo o seu próprio juízo em escolher o homem a quem salvaria** - Escolheu apenas um e pelo seu próprio juízo que não revelou a ninguém, mas que ficou demonstrado na salvação;

**d) Fazendo a vontade de Deus que é soberana** - A vontade de Deus não pode ser tolhida por coisa alguma, mesmo que seja o mais forte dogma religioso criados pelos homens.

**2. Jesus agiu pela crença na sua Palavra** - v. 24-29. A cura do homem em Betesda foi a manifestação do que acontece no coração dos homens com respeito à Palavra de Deus: muitos preferem as palavras, os ditames humanos e poucos dão ouvidos à Palavra de Deus. O homem obedeceu incondicionalmente a Jesus. Creu na sua palavra e recebeu a vida em toda a sua plenitude. Os judeus não davam ouvidos a Cristo. Por isso não hon-

que ele expulsara demônios. Como poderia, então, Satanás expulsar Satanás? A verdade era que Jesus expulsava os demônios pelo Espírito de Deus e que o reino de Deus havia, de fato, chegado até os judeus. Expulsava porque tinha poder para entrar nos corações dominados por Satanás anulando-lhe o poder e, então, limpar os corações (Mt 12.29; Mc 3.27).

**2. Não existe qualquer tipo de cooperação entre as trevas e a luz** Mt 12.30. Não existe meio termo, não há possibilidade de se ficar “em cima do muro” com respeito a Jesus Cristo. Quem não está com ele está contra ele e, quem não trabalha com ele, trabalha contra ele. Sendo ele a luz, não poderia compactuar com as trevas e nem as trevas com ele.

**3. Não há perdão para quem blasfema contra o Espírito Santo** Mt 12.31,32; Mc 3.29. Para qualquer tipo de pecado ou blasfêmia há perdão; até mesmo a palavra dirigida contra a pessoa humana de Jesus, mas a blasfêmia, a fala contra o Espírito Santo, nunca será perdoada. Quem o fizer já está condenado.

Essa é a realidade declarada por Jesus. A questão, então, é: O que seria a blasfêmia contra o Espírito Santo? Seria alguém dizer que tem alguma visão, ou profecia, ou que realizou alguma obra sob o poder do Espírito Santo e a pessoa duvidar

disso? Certamente que não. Note-se que quem estava envolvido ali era o próprio Senhor Jesus. Não um discípulo seu, mas o próprio Filho de Deus. A cena não poderá se repetir na história porque Jesus já subiu aos céus e de lá só voltará para o juízo final. Além disso, o que estava envolvido ali era uma blasfêmia consciente da parte de pessoas que sabiam que Jesus era vindo de Deus e que, portanto, realizava milagres pelo Espírito Santo. A blasfêmia contra o Espírito Santo é, portanto, a declaração contrária à Ele, da parte de quem tem certeza de a obra é divina e que afirma ser obra maligna. Isto quer dizer que o crente em Cristo não pode blasfemar contra o Espírito Santo, porquanto nunca dirá, conscientemente, que uma obra do Espírito é de origem maligna; nunca dirá que o que Jesus realiza através do Espírito Santo, é de obra maligna; nunca dirá que Jesus tem parte com Satanás; e nunca dirá que Jesus age pelo poder do maligno.

Por outro lado, fazer isso é tão maligno, tão digno do próprio Satanás que o que pratica a blasfêmia contra o Espírito Santo já tem a maldade em si próprio (Mt 12.33-35) e a sua condenação é uma realidade que está inerente em seu ser (Mt 12.36,37). Por isso não há perdão, tanto quanto não há para Satanás que, sabendo quem é Jesus Cristo o rejeita e luta contra ele.



principalmente, à doutrina do Espírito Santo. Quando alguém questiona algum comportamento religioso fora dos padrões bíblicos, de alguma outra pessoa que se diz possuída ou capacitada pelo Espírito Santo, logo esta diz para aquela: “Olha! Cuidado com a blasfêmia contra o Espírito Santo!” Ou seja, um ensinamento de Jesus que deve ser respeitado e observado no seu real significado, passou a ser elemento de manipulação e opressão por algumas pessoas religiosamente autoritárias. Vamos analisar os ensinamentos de Jesus detalhadamente e vamos pensar em seu real significado.

## A AFIRMAÇÃO DOS ESCRIBAS E FARISEUS

*Mt 12.24; Mc 3.22,30*

Ao perceberem que a multidão começava a conjecturar se Jesus não seria o Messias (a expressão “Filho de Davi” indica aquele que viria da parte de Deus, da linhagem de Davi), imediatamente começaram um trabalho sutil de tentativa de direcionamento do pensamento da multidão para uma terrível mentira com a finalidade de destruir todo o trabalho que Cristo realizara: **vincularam os atos de Jesus a Satanás**, ao afirmaram que Jesus expulsava demônios por Belzebu, o príncipe dos demônios, e **o colocaram como se fosse dependente daquele ser maligno**, já que,

Conforme afirmação deles, realizava os milagres sob o poder dele e afirmavam estar possesso de espírito imundo.

Era, de fato, uma afirmação terrivelmente pecaminosa, porquanto não faziam aquela afirmação por inocência ou incredulidade, mas de maldade consciente. Sabiam quem era Jesus. Sabiam, pelo menos, que era vindo da parte de Deus e isso pode ser comprovado pelas palavras de Nicodemos, um dos representantes da classe religiosa dominante dos judeus que, ao procurar a Jesus afirmou: “bem sabemos que és mestre vindo de Deus” (Jo 3.2).

## A RESPOSTA E OS ENSINAMENTOS DE JESUS

*Mt 12.37; Mc 3.23-30*

Jesus reagiu imediatamente com uma admoestação composta de raciocínio lógico e de advertências. Ao invés de se retirar, ou de utilizar seu poder divino para destruir imediatamente aqueles homens, preferiu vence-los, como sempre o fez, com palavras de sabedoria divina. Deixou claro à multidão que:

**1. Não havia possibilidade alguma de estar a serviço de Satanás** *Mt 12.25-29; Mc 3.23-27*. Se estivesse Satanás estaria lutando contra si próprio e estaria destruindo seu próprio principado. Era realidade

ravam a Deus (v. 23), não tinham a vida (v. 24); e praticavam o mal, tendo diante de si o juízo divino (v. 29). Ao contrário, o homem honrou a Deus (inclusive foi para o templo), recebeu a vida, praticou o bem de honrar o Filho de Deus crendo na sua Palavra.

## A COLHEITA DAS ESPIGAS

*Mateus 12.1-8; Marcos 2.23-28*

Jesus voltava de Jerusalém, onde fora participar de festividades e onde curara, em um dia de descanso, o homem no tanque de Betesda. Fariseus estavam com ele ou a observá-lo à distância, provavelmente procurando um motivo que lhes possibilitasse matá-lo. Ao atravessar campos de trigo, em um dia de descanso, seus discípulos começaram a colher espigas para se alimentarem, o que fez com que os fariseus, imediatamente, comessem a questionar ao Senhor Jesus, sem se interessarem com o fato de os discípulos estarem com fome.

A argumentação de Jesus é dividida em quatro tempos: primeiramente faz referência a um fato ocorrido com o rei Davi, que quando teve fome entrou no templo com os seus companheiros e comeram do pão da proposição sem que nada acontecesse com eles; depois faz uma referência à Lei com respeito aos sacerdotes ficarem sem culpa ao violarem o sábado (Mt 12.5), declarando-se maior que o templo;

em terceiro lugar afirma que os fariseus não observavam que Deus deseja a misericórdia e não o sacrifício (Mat 12.7); e, finalmente, declara que ele próprio, que se intitula “Filho do homem”, é senhor de todas as coisas, inclusive do sábado.

Na seqüência, Cristo mostra, então:

**1. Ele é maior do que Davi.** Os judeus veneravam o rei Davi e o tinham em alta estima. Se os judeus honravam tanto a Davi que fora um grande servo de Deus, deveriam honrar muito mais a Jesus que era seu próprio Filho.

**2. Ele é maior que os sacerdotes e os símbolos que manifestam o temor Deus.** Os sacerdotes se tornaram líderes do povo judeu e eram temidos, venerados, olhados como intocáveis. O Templo de Jerusalém era o orgulho do povo judeu e representava os rituais de culto que eram realizados ali. Se honravam tanto aos sacerdotes e todos os rituais do templo, deveriam honrar muito mais a Jesus que era o maior dos sacerdotes, o único verdadeiro intermediário entre Deus e o homem, aquele que poderia apresentar-se a si próprio em sacrifício pelos pecados do homem.

**3. Ele era a própria manifestação da misericórdia divina** Os judeus não interpretavam corretamente as Escrituras que apontam para Cristo (Jo 5.39), mas as utilizavam somen-

te para o que lhes interessava. Por isso não conheciam a verdadeira vontade de Deus; não eram alcançados pela sua misericórdia e não eram capazes de manifestar misericórdia para com seus semelhantes..

### **A CURA DO HOMEM COM A MÃO RESSEQUIDA**

*Mateus 9.12-14; Marcos 3.1-6; Lucas 6.6-11*

A cura do paralítico no tanque de Betesda e o episódio da colheita de espigas, com as argumentações e ensinamentos de Jesus, não quebrantaram o coração dos fariseus que seguiram ao Senhor até uma sinagoga, onde ele se colocou a ensinar, ainda no sábado, e se colocaram a espiá-lo, com o propósito de encontrar algo com que acusá-lo. Jesus conhecia os corações deles e os coloca diante de um dilema, ao chamar um aleijado para a frente da congregação e faz algumas perguntas que os colocam entre o bem e o mal e entre o mais importante e o menos importante. O sábado deveria impedir alguém de fazer o bem? Um homem valeria menos que uma ovelha, já que qualquer um judeu violaria o sábado para socorrer uma ovelha? Ato contínuo, sem esperar resposta, Jesus curou o homem num sábado e dentro de uma sinagoga.

As palavras de Jesus de nada adiantaram e aqueles homens, ao

invés de quebrantar seus corações, se enfureceram e passaram a conferenciar sobre o fim que dariam a Jesus.

Como nos episódios anteriores, percebemos mais uma vez que para aqueles homens, de corações duros, não importava se alguém estava ou não numa situação dolorosa, necessitando ou não de ajuda de Cristo, mas sim importava para eles era o sentimento que eles tinham para com Cristo, ódio, rejeição a Deus e tudo que viesse dele.

### **CONCLUSÃO**

Jesus é senhor do dia do descanso porque ele é o próprio Deus. Esse dia é para ser dedicado a adoração, para a honra a Deus. Jesus também ensinou que o homem não pode ser dominado por leis ou pensamentos humanos, que venham a desfigurar a lei de Deus e fazer do homem um escravo praticando assim o mal e não o bem. Os milagres e as palavras de Jesus não moveram os corações incrédulos do judeus porque eles eram escravos dos seus princípios religiosos.

#### **LEITURAS DIÁRIAS**

**Segunda** - João 5.1-47

**Terça** - Mateus 12.1-8

**Quarta** - Marcos 2.23-28; Luc 6.1-5

**Quinta** - Mateus 12.9-14

**Sexta** - Marcos 3.1-6

**Sábado** - Lucas 6.6-11

## **Estudo 23**

# **A BLASFÊMIA CONTRA O ESPÍRITO SANTO**

O senhor Jesus estava iniciando, através da Galiléia, um segundo programa de pregações a respeito do evangelho do reino de Deus (Lc 8.1). Não ia só, mas ia acompanhado dos seus doze apóstolos além de algumas mulheres que eram profundamente gratas pela salvação e que tinham dedicação em servi-lo. Era um grupo interessante pelas diferenças individuais, pelo fato de ter mulheres junto ao grupo como verdadeiras discípulas de Jesus e, também, porque já delineava a igreja que estava se formando a partir da cabeça que era Jesus Cristo.

Entrou em uma casa para comer, mas uma multidão se juntou e invadiu a casa de tal maneira que nem podiam comer (Mc 3.20). Em determinado momento trouxeram-lhe um endemoninhado que era cego e mudo, um homem terrivelmente sofrendo, e Jesus o curou, expulsando o demônio e fazendo com que passasse a falar e a ver. A multidão ficou mara-

vilhada e começou a se quebrantar para reconhecê-lo como o Messias, o Filho de Davi (Mt 12.22,23). Parece que seus discípulos ficaram separados dele por causa da multidão, porquanto ao ouvir do burburinho, saíram ao seu encontro para o resgatarem pensando que estava fora e si (Mc 3.21).

Os escribas e fariseus (Marcos se refere aos escribas e Mateus aos fariseus) aproveitaram o ensejo para tentar desmoralizar Jesus, diante da multidão que já começava a reconhecer-lo como o Messias, enviado de Deus. Fizeram, então, uma afirmação que deu a Jesus o ensejo de admoestá-los e, ao mesmo tempo, ensinar aos que o estavam ouvindo, inclusive seus discípulos: afirmou que há um tipo de pecado, uma blasfêmia, para a qual não há perdão, a blasfêmia contra o Espírito Santo (Mc 3.28,29; Mt 12.32).

Há pessoas, na atualidade que utilizam esse ensino de Jesus para impingir pensamentos pessoais a outras pessoas, no que concerne,

Senhor Jesus (v. 44-47). Ali estava em jogo o amor a Jesus Cristo e não as aparências; amor a Jesus Cristo que surge em consequência do sentimento de pecado e do desejo de perdão da parte daquele contra quem o homem comete pecado, o próprio Deus. Estava em jogo, em última instância, o amor ao próprio Deus. A mulher, muito pecadora conforme conhecimento público, muito amou a Jesus; o fariseu, com seu sentimento de perfeição religiosa e sem sentimento de pecado pessoal, não demonstrou amor a Jesus.

**2. Reações para com a pecadora** v. 38, 48, 50. Jesus teve três tipos de reações para com a pecadora:

**a) Recebeu-a em sua presença e recebeu o que ela lhe dedicava.** Talvez nenhum homem da cidade tivesse coragem de recebê-la em público e de permitir que manifestasse tanto apreço. Mas o Senhor Jesus recebeu e permitiu. Recebeu dela as lágrimas, a humildade de enxugar seus pés com os cabelos, os beijos nos pés e a unção. Aceitou que ela reconhecesse a sua posição de Senhor e de Salvador.

**b) Perdoou seus pecados.** Não exigiu que fizesse uma confissão pública; era uma questão entre ele e ela. Os pecados eram muitos (v.47) e Jesus os conhecia perfeitamente, mas todos foram perdoados. Ela foi buscar descanso para sua alma e encontrou o alívio no perdão de Jesus.

**c) Concedeu-lhe a salvação.** O recebimento diante de si e o perdão dos pecados que cometera não teriam valia alguma se não fossem acompanhados da salvação, porquanto ela sairia dali pronta para continuar sua vida de pecados e, conseqüentemente, sem a paz tão desejada. Mas a fé que dedicou a Cristo permitiu que lhe concedesse salvação, o que produziu nela o resgate do pecado e a regeneração de sua vida, produziu paz. Por isso o Senhor a despediu dizendo “vai-te em paz”.

### CONCLUSÃO

Receber Jesus Cristo é uma atitude de suma importância para qualquer pessoa. Mas é necessário recebê-lo com atitudes corretas, que ele merece. Atitudes de honra, de respeito, e, principalmente, de amor a ele. Somente esses tipos de atitudes para com ele permitem que manifeste seu amor para com o ser humano, esteja ele em que condição estiver, perdoadando os seus pecados e concedendo a salvação que produz a paz tão almejada por todos quantos sentem e lamentam os seus pecados.

### LEITURAS DIÁRIAS

**Segunda** - Lucas 7.36-50

**Terça** - Salmo 51

**Quarta** - Salmo 62

**Quinta** - Salmo 100

**Sexta** - Efésios 2.1-10

**Sábado** - Romanos 5.6-17

## Estudo 18

# JESUS ESCOLHE SEUS APÓSTOLOS

Textos básicos: Mateus 10.1-4; Marcos 3.7-19; Lucas 6.12-16

Os evangelhos nos informam que Jesus, logo após a prisão de João Batista, deu início ao seu ministério na Galiléia, pregando o Evangelho e chamando os seus primeiros discípulos (Mt 4. 2-22; Mc 1. 14-20; Lc 5.11, 27,28). Ao lado da pregação do Evangelho, conclamando o povo ao arrependimento, a outra grande preocupação de Jesus, não há dúvida, foi a formação do grupo apostólico. Isso era algo de muita necessidade, de muita responsabilidade e importância para o cristianismo, pois dos apóstolos dependeria a continuação da obra, em termos humanos.

Em pouco tempo, após o início do seu ministério, Jesus tinha muitos discípulos e muitos que iam ter com ele para serem curados e libertados dos demônios (Marcos 3.7-12), mas ainda não havia escolhido seus apóstolos. Estavam acostumados a ouvi-lo, serviam-no e o respeitavam como Mestre, mas ainda não existia o grupo de apóstolos que foram escolhidos mais tarde por Jesus para estarem com ele e para serem os propa-

gadores do evangelho do seu reino, da sua salvação.

Sendo um grupo de extrema importância e responsabilidade, por tudo que iria representar na fundação e continuidade da sua igreja, o Senhor Jesus precisou de tempo e muita dependência de Deus, conforme vamos ver neste estudo.

### CRITÉRIOS UTILIZADOS POR JESUS PARA A ESCOLHA DOS APÓSTOLOS

A constituição do grupo apostólico não foi algo acontecido por acaso, normalmente, mas demandou alguns critérios utilizados por Jesus, objetivando uma escolha certa. Foram três os passos dados pelo Senhor:

**1. Oração** Lc 6.12. Essa é a maneira correta de um servo de Deus começar bem uma tarefa importante e especial para o reino dele. Com Jesus não foi diferente; ele conhecia a grandiosidade da missão que iria entregar àquele punhado de homens e necessitava que tal responsabilidade fosse bem desem-

penhada. A tarefa de plantação da igreja em todo o mundo não poderia ser entregue a um grupo qualquer de homens. Precisavam ser homens especiais, destemidos, amantes da verdade, obstinados em suas responsabilidades. Daí a necessidade de orientação e interferência do Pai naquele momento. E foi o que Jesus fez, orando uma noite inteira, conforme nos informa o evangelista Lucas.

Os fracassos que muitas vezes enfrentamos em nossa vida com Deus, em grande parte vêm da nossa auto-suficiência, por entendermos que somos aptos e sábios para executar planos pessoais e, por isso, oramos pouco ou nem sequer oramos. Jesus Cristo, embora sendo Filho de Deus, não olvidou o fato de que, em virtude da sua missão, dependia inteiramente do Pai para a boa realização da sua tarefa. Jesus deu-nos, assim, o exemplo de que devemos depender de Deus em tudo, por mais conhecimento ou capacidade espiritual que tenhamos.

**2. Vocação dentre os seus seguidores** Mt 10.1; Mr 3.13,14; Lc 6.13. Depois de ter orado muito e buscado a direção do Pai, estando em condições, chamou, dentre os seus discípulos (*mathetes* - aprendiz, seguidor), um grupo definido de doze homens que seriam constituídos seus apóstolos. A expressão “*quem ele mesmo queria*”

quer dizer “aquelas pessoas que preencheriam os requisitos predeterminados pelo Senhor”. Todos, inclusive Judas Iscariotes, encaixavam-se dentro dos planos divinos na causa do Evangelho. Nada aconteceu por acaso. Marcos diz que Jesus **chamou e designou doze** (Mc 3.13,14); Lucas diz que Jesus **escolheu doze dentre eles** (Lc 6. 13). Entendemos assim que Jesus chamou, escolheu e os enviou. Hoje ainda é assim o método ministerial de Jesus. Não existem mais apóstolos. O grupo foi específico e tornou-se a base doutrinária, o fundamento da igreja (At 2.42; Ap 21.14), mas o Senhor Jesus continua vocacionando da mesma forma, pastores para suas igrejas.

**3. Nomeação** Lc 6.13. Até aqui eles eram conhecidos como discípulos, juntamente com muitos outros, pois não formavam um grupo específico, destacado. Agora o Senhor d -lhes um título especial, chamando-os, ele próprio, de apóstolos cujo significado   *delegados, mensageiros enviados com ordens específicas, embaixadores*.

## OBJETIVOS DE JESUS PARA OS SEUS APÓSTOLOS

  lógico que Jesus tinha objetivos específicos que o motivaram a chamar e instruir esses homens de maneira tão especial; os quais podemos observar nas narrativas.

deveres religiosos, participante do mais poderoso partido político e religioso existente na época, do qual participava a maioria das pessoas importantes na liderança do povo; e era, t mb m, um homem rico. Mas, acima de tudo, era uma pessoa de hipocrisia imensurável que teve atitudes contraditórias para com Jesus. Primeiramente o convidou para comer em sua casa, o que deveria ser um ato de apreço e respeito. No entanto não deu ao convidado as honras de costume, o que seria imperdoável para um anfitrião; não deu água para que Cristo lavasse seus pés (isso deveria ser feito por um serviçal); não o recebeu com um beijo na face (costume levado a sério entre os judeus); não ungiu sua cabeça com óleo (sinal de recebimento afetivo e honroso). Além de todo esse comportamento contraditório, ao ver Jesus deixar que a mulher se aproximasse dele e ungissem a sua cabeça, intimamente lançou crítica a ele, duvidando da sua função de profeta; mas, quando o Senhor o chamou, respondeu chamando-o de Mestre. Os seus atos eram completamente diferentes dos seus sentimentos para com Jesus Cristo.

## AS REAÇÕES DE JESUS

Os atos e atitudes da mulher e do fariseu geraram reações em Jesus que demonstraram o seu caráter de mestre amigo e paciente, de ser divino e salvador.

**1. Reações para com o fariseu** Primeiramente aceitou o seu convite e assentou-se   sua mesa (v. 36), apesar de conhecer seu coração, sabendo dos seus sentimentos d bios (v.39,40). Mas Jesus veio ao mundo puramente por amor à humanidade (João 3.16) e amou até mesmo seus opositores. Não quer dizer que Jesus não tenha sentido o que o fariseu fazia com ele; seu amor para com os perdidos não anulou sua capacidade de avaliação da personalidade pecaminosa daquele homem. Por isso p de reagir apropriadamente   crítica que foi lançada sobre ele, no coração do fariseu e ao desprezo que demonstrou para com a mulher.

A segunda reação de Jesus para com a atitude de Simão foi fazer com que o fariseu olhasse, como que num espelho, a sua maldade para com aquele a quem recebera em sua casa, e, ao mesmo tempo, o amor que a mulher, a quem desprezava, dedicava ao Senhor. Fez isso através da narrativa de uma parábola (v. 40-42) que deveria fazê-lo refletir a respeito do seu amor para com Cristo, já que se julgava sem necessidade de perdão. Ou seja, não tinha consciência da sua d vida para com Deus. Não tendo consciência da d vida, não tinha gratidão para com o seu credor, não dedicava a ele o amor merecido. Ao contrário dele, a mulher reconhecia a sua d vida e queria o perdão. Por isso manifestava tanto amor para com o



Os fatos e as atitudes da mulher que foram registradas por Lucas são preciosas para nosso estudo:

**1. Soube que Jesus estava à mesa em casa do fariseu.** Alguém lhe avisou que Jesus estava junto com o fariseu, em sua casa, sentado à sua mesa. Sabia exatamente quem era Jesus e quem era o fariseu. Talvez já estivesse acompanhando os atos e ensinamentos de Cristo, avaliando sua disposição de atender aos aflitos, de perdoar pecados. O fariseu era da cidade e, com certeza, bem conhecido, pois Lucas faz questão de registrar o seu nome, Simão (por sinal um nome bastante comum entre os judeus). Ela teve condições de avaliar seus atos que seriam dirigidos a Jesus sob as críticas do fariseu e dos convidados.

**2. Aproximou-se de Jesus.** Foi à presença dele com sentimentos no coração e pensamentos pré-determinados, sem se importar com as barreiras sociais e religiosas que poderiam impedi-la.

**3. Manifestou seus sentimentos para com Jesus.** Levou um vaso de alabastro que continha um bálsamo; aproximou-se por trás de Jesus e, aos prantos, chegou até os pés dele. Isso foi possível porque os judeus, em banquetes, se colocavam à mesa recostados em divãs, com os pés para trás. Sua angústia era tão profunda que as lágrimas derramavam sobre os pés de Jesus; sua submissão ao Senhor era tão sincera

que ela enxugava os pés com seus próprios cabelos. Uma mulher judia só poderia soltar seus cabelos diante do seu marido, que era considerado seu senhor. Era um símbolo de beleza e sedução. Ao contrário, os pés eram considerados como as partes mais indignas do corpo e somente um escravo lavaria os pés de um homem. Considerando que uma mulher nunca utilizaria seus cabelos para enxugar os pés de um homem, porém estaria de frente para ele, para seduzi-lo, olhando a cena como um todo, concluímos que a mulher se aproximou de Jesus em profundo estado de humilhação e sofrimento.

Além disso, aproximou-se com um elemento de demonstração de abnegação pessoal e valorização da pessoa de Jesus para si própria. O vaso de alabastro (rocha pouco dura e muito branca, translúcida) por si só já demonstrava que era uma mulher de posses, pois era utilizado por mulheres gregas e romanas, de boa situação financeira para guardar perfumes caros. O unguento era um óleo perfumado, utilizado para esfregar na pele e, também, de grande valor. Enquanto manifestava sua submissão a Cristo, manifestava, também, o valor que tinha para ela, acima dos bens que possuía.

### **O HOMEM QUE RECEBEU JESUS - v. 39, 43-46**

Era um fariseu, um homem dedicado ao cumprimento de seus

**1. Que estivessem sempre com ele Mr 3.14.** Jesus tinha menos de três anos para estar com seus apóstolos, preparando-os para que fossem continuadores da sua obra. Para tanto, eles precisariam estar sempre junto com Jesus, dia-a-dia aprendendo aos seus pés. Outros discípulos poderiam estar às vezes com Cristo, ou serem discípulos à distância (ex. José de Arimatéia), ou até mesmo abandonar o Mestre (João 6.66), mas aqueles doze, discípulos que eram chamados apóstolos, precisariam ser discípulos de presença constante junto do Mestre até o final do seu ministério, até a sua subida aos céus. Realmente, apesar de suas fraquezas, de suas dificuldades de compreensão, eles assumiram com amor e responsabilidade a missão recebida do Senhor; e assim é que vamos encontrá-los lado a lado com Jesus, em todos os caminhos e lugares, servindo ao Mestre e dele recebendo os sábios ensinamentos necessários para a boa execução da obra que iriam realizar. Graças a isso, eles puderam arcar com entusiasmo e dignidade as árduas tarefas da igreja nascente, mesmo diante de ferrenhas lutas e perseguições que os levaram até à morte. Devemos nós, também, seguir os seus passos, pois, como eles, todos nós temos a nossa missão a cumprir. Jesus também continua sempre conosco e quer nos ver bem desempenhando a nossa tarefa cristã.

**2. Que fossem anunciadores, pregadores Mt 10.7; Mr 3.14.** Durante o seu ministério, Jesus anunciou, pregou o reino de Deus, pregou o arrependimento. Mas ele voltaria para o Pai e a obra da pregação precisava continuar e continuaria, de fato, sob a liderança dos apóstolos. Esse era, portanto, o objetivo principal de Jesus ter organizado o grupo apostólico. Antes de voltar aos céus, Jesus foi específico em sua ordem para que o evangelho fosse pregado em todo o mundo (Mr 16. 14-16; At 1.8). Os apóstolos assimilaram e se dedicaram com afinco ao mandado de Jesus, entregando-se de corpo e alma às tarefas evangelísticas, inclusive com sacrifícios de suas vidas.

O Senhor Jesus continua precisando de pregadores do evangelho. A sua ordem ainda está em vigor e as igrejas de Cristo precisam ver e assimilar a necessidade da pregação e dedicar-se, também, de corpo e alma, inclusive com sacrifícios pessoais.

### **A CAPACITAÇÃO QUE JESUS CONCEDEU AOS SEUS APÓSTOLOS**

Não há dúvida que, para uma obra especial como essa que os apóstolos receberam, era necessária uma capacitação especial. A tarefa era grande demais, os poderes das trevas imensos, as dificuldades

humanas tremendas. Mas eles foram vitoriosos e se desincumbiram de suas tarefas com eficiência (à exceção de Judas, é claro). Isso quer dizer que eles foram capacitados por Jesus, em todos os aspectos, para a realização da sua grande obra.

Além das matérias práticas, recebidas no dia-a-dia ao lado do Mestre, aprenderam também Teologia, em profundidade, e Doutrinas Cristãs. Quando se afirma, em Atos 2.42, que os novos crentes eram ensinados nas “doutrinas do apóstolos”, isso refere-se às doutrinas que os apóstolos receberam de Jesus e agora estavam passando aos convertidos. Mas aquele grupo específico, de doze apóstolos, também foi capacitado por Jesus com poderes especiais, especialmente sobre as hostes malignas e curas de enfermidades (Mt 10.1; Mr 3.15).

Quando Jesus falou-lhes do seu plano de instituir a sua igreja, ele disse que “as portas do inferno não prevaleceriam contra ela” ( Mt 16.18) . Isso deixa claro que os apóstolos, e as igrejas, consequentemente, iriam ter que lutar contra as hostes infernais. Paulo frisou isso, também (Ef 6.12). Por isso, o Senhor concedeu aos seus apóstolos autoridade para expulsar demônios (Mc 3. 15). É bom que se frise que tal poder, como outros mais, trata-se de uma autoridade,

dom, especial do Senhor, o que não quer dizer que qualquer pessoa ou mesmo crente possa sair por aí arvorando-se de tal poder. Cuidado; vejam o que aconteceu em Éfeso com alguns que queriam usar esse poder, tomando o nome de Jesus em vão; se deram mal (At 19.13-16). As coisas sérias devem ser tratadas seriamente.

## CONCLUSÃO

Pelo estudo destes textos podemos concluir que: 1) Houve da parte de Jesus uma escolha específica de doze homens, dentre os seus muitos discípulos. Então os apóstolos foram discípulos especialmente chamados para uma tarefa específica e foram somente aqueles doze. 2) O objetivo específico dos apóstolos foi pregar o evangelho, dando continuidade ao ministério de pregação do Senhor Jesus. 3) Os apóstolos receberam diretamente de Cristo uma capacitação especial, específica, para que eles pudessem executar com eficiência tamanha obra.

## LEITURAS DIÁRIAS

**Segunda-feira - Mt 10. 1-42**

**Terça-feira - Mc 3. 7-19**

**Quarta-feira - Lc 6. 12-16**

**Quinta-feira - Jo 15. 1-27**

**Sexta-feira - Jo 21. 1-19**

**Sábado - At 1. 1-14**

## Estudo 22

# UMA PECADORA UNGE OS PÉS DE JESUS

Os milagres e ensinamentos de Jesus, principalmente a ressurreição do filho da viúva de Naim, fez com que a sua fama chegasse e corresse por toda a Judéia e regiões circunvizinhas, chamando a atenção de João Batista e dos líderes religiosos, principalmente fariseus e escribas.

Cobiçosos de vanglória e, desejando aparentar à população que eram companheiros de pessoas famosas, tornou-se comum fariseus convidarem a Jesus para participar de refeições com eles, numa demonstração extrema de hipocrisia, uma vez que os judeus tinham por hábito convidar somente a amigos realmente achegados para participarem de uma mesa.

É numa dessas reuniões que acontece o episódio, ainda na Galiléia, logo após Jesus ter recebido emissários de João Batista e de ter pregado às multidões que o seguiam, mostrando a necessidade de se dar ouvidos à pregação de João Batista e de se crer nele, Jesus, como verdadeiramente vindo de Deus.

## A MULHER QUE FOI ATÉ JESUS

v. 37,38

Seguindo-se a seqüência dos episódios, unindo-se as narrativas de Mateus e Lucas, verificamos que Jesus terminou o seu sermão, após a saída dos discípulos de João, orando ao Pai agradecendo porque revelara as realidades do seu reino aos pequeninos (Mt 11.25) e fazendo um convite aos cansados e oprimidos para que fossem até ele, a fim de receberem o seu jugo e, consequentemente, alívio para as almas (Mt 11.28-30). Pois foi exatamente uma mulher nessas condições que se aproximou de Jesus: uma notória pecadora da cidade, desprezada pelos judeus.

Alguns há que ligam a mulher com Maria Madalena, no entanto não há qualquer registro bíblico ou histórico a respeito. Ao que parece Lucas teve o cuidado de não registrar o seu nome e nem a cidade onde Jesus estava, já que era tão conhecida..

que viria àqueles que não se arrependeram diante das manifestações patentes do Filho de Deus.

## AORAÇÃO DE JESUS

*Mat 11.25-27*

Fariseus e doutores da lei se julgavam sábios por si próprios, donos da situação religiosa e assumiam sua própria responsabilidade diante do juízo. Mas os simples, os pequeninos aos olhos dos arrogantes, foram amparados por Deus e receberam a revelação do evangelho de Jesus Cristo. Por isso ele exultou e orou agradecendo ao Pai.

## O CONVITE DE JESUS

*Mat 11.28-30*

Os líderes judeus impunham seus preceitos ao povo que tinha que “dançar conforme a música deles”. Um jugo pesado que deixava o povo cansado e que fazia com que vivessem debaixo de opressão religiosa e que não tirava, de forma alguma, o peso do pecado. João apontara para Jesus como aquele que tira o pecado do mundo, da humanidade. Então Jesus, após fazer a sua pregação de exaltação à pregação de João e de admoestação quanto à necessidade de arrependimento, faz um convite (na nossa linguagem um apelo) àqueles que buscavam descanso para suas

almas: que abandonassem os que os oprimiam porque nunca encontrariam alívio naqueles preceitos pesados, que ensinavam a “tomada do céu” à custa de esforço (Mt 11.12) e que fossem até ele, que tomassem o seu jugo, que aprendessem dele, porque teriam um jugo suave e um fardo leve e teriam, de fato, alívio para suas almas.

## CONCLUSÃO

Jesus não veio somente para o seu tempo, nem somente para tempos próximos à sua vinda ou para os tempos presentes que vivemos. Jesus veio para estabelecer o Novo Testamento que se iniciou no seu ministério e se estenderá até o juízo final quando sofrerão os que não se arrependeram dos seus pecados para crerem no Filho de Deus, aquele que tem todo o poder nos céus e na terra. Mas os que se arrependerem e crerem, indo até Jesus, certamente encontrarão o tão esperado alívio para suas almas, mesmo que existam adversidades na vida, como estava João.

### LEITURAS DIÁRIAS

**Segunda** - Mt 14.1-12

**Terça** - Mt 11.2-6; Lc 7.18-23

**Quarta** - Mt 11.24-19; Lc 7.24-35

**Quinta** - Mt 11.20-24

**Sexta** - Mt 11.25-27

**Sábado** - Mt 11.28-30

## Estudo 19

# JESUS PROFERE O SERMÃO DO MONTE

Apesar de Mateus colocar o texto que se convencionou chamar de “O Sermão do Monte” bem no início do seu Evangelho, Lucas o localiza em um momento razoavelmente avançado do ministério de Jesus, no momento em que escolheu seus doze apóstolos. O que pudemos estudar até aqui já nos deixa transparecer que Mateus não se preocupou muito com a ordem cronológica dos acontecimentos no ministério de Jesus, porém com os fatos em si. Há uma curiosidade aqui, também: como bom historiador que colheu dados históricos com a finalidade de editar um relatório a respeito do ministério de Jesus, Lucas foi mais metódico e extenso em seu Evangelho em geral; porém, com respeito ao Sermão do Monte, foi bastante sintético enquanto que Mateus foi mais extenso e se deteve em detalhes de extrema importância para a vida cristã.

O estudo que vamos fazer será, também, bastante sintético, procurando abranger princípios

gerais. A quem desejar se aprofundar mais no estudo do texto de Mateus, sugerimos a leitura dos estudos intitulados “O Sermão do Monte”, editados por esta editora.

## O MOMENTO E A FINALIDADE DO SERMÃO

*Mat 5.1,2; Luc 6.17-20*

O Senhor Jesus havia subido ao monte, próximo à cidade de Cafarnaum, onde escolheu seus doze apóstolos após ter orado a noite toda. Em seguida começou a descer o monte, até que, em um lugar mais plano, encontrou um grande número de discípulos seus e uma grande multidão que viera de toda parte para estar com ele, inclusive de regiões fora dos limites judeus.

Conforme relato de Mateus, ele se assentou e começou a falar **aos seus discípulos**, que se aproximaram dele. Este aspecto é de grande valia para nosso estudo, porquanto determina qual foi o público-alvo de Jesus ao proferir o seu sermão, e determina, também, a

finalidade do sermão: *ensinar seus discípulos a viverem um cristianismo autêntico e sadio, livre das limitações e conceitos humanos, porém com fidelidade aos preceitos estabelecidos por Deus ao seu povo.*

## O CONTEÚDO DO SERMÃO

*Mat 5.3-48; 6,7; Luc 6.20-49*

O conteúdo do sermão é um resumo sucinto e objetivo de tudo o que envolve o cristianismo, tanto em realidades espirituais e físicas pessoais, quanto no relacionamento do discípulo de Jesus com o mundo em que vivemos e com Deus. Dividiremos esse conteúdo em partes.

**1. A felicidade do discípulo de Cristo** *Mat 5.3-12; Luc 6.20-23.* Acho significativo Jesus iniciar o seu sermão ensinando a respeito da felicidade. Também é significativo observar que ele coloca a felicidade como sendo **uma realidade presente porém nas esferas celestiais** (dos pobres de espírito e dos perseguidos por causa da justiça é o reino dos céus *Mt 5.3,10-12; Luc 6.20,22-23*); e **no futuro** (os que choram serão consolados, os que têm fome e sede de justiça serão fartos, os mansos herdarão a terra, os misericordiosos alcançarão misericórdia, os limpos de coração verão a Deus, os pacificadores serão chamados filhos de Deus *Mt 5.4-9; Luc 6.21*). A impressão que temos é

que o Senhor Jesus mostrou uma realidade presente de suprema valia (*Mt 13.44-46*) na vida de seus servos, mas que está fora das esferas terrenas, exatamente onde há realidades terríveis mesmo para seus discípulos, como **o choro, a mansidão** em meio à violência, **a sede de justiça** em um mundo tão injusto, **a misericórdia** em um mundo tão impiedoso, **a vida de santificação** (limpos de coração) em um mundo pervertido, **a pregação da paz de Cristo** em meio a multidões que o rejeitam (os pacificadores), e **a perseguição por causa da justiça** em um mundo afastado de Deus. Uma realidade de felicidade perfeita, extrema, que aguarda, com certeza, os crentes em Jesus Cristo, que está fora dos conceitos humanos (*Lc 6.24-26*). Jesus concedeu aos seus discípulos a visão da felicidade que os aguarda, visão essa que dá forças para viver como verdadeiro discípulos dele.

**2. O testemunho do discípulo de Cristo** *Mat 5.13-48; 6.1-4; Luc 6.27-36.* Em seguida, após apontar para a felicidade que é certa para o seu servo, Jesus aponta para a necessidade de o seu discípulo temperar o mundo e brilhar nele (*Mt 5.13-16*). Não somente aponta a necessidade, como também o meio de não se tornar insípido e de não deixar que as trevas abafem a luz de Cristo. Este meio está na interiorização e na consequente

O verbo que é traduzido por “escandalizar”, no grego, é *skandalizo*, que tem o sentido de tropeço. Ou seja, Jesus estava avisando a João para que não tropeçasse na própria pessoa de Jesus por uma visão distorcida a respeito do seu ministério.

## A PALAVRA DE JESUS A RESPEITO DE JOÃO BATISTA

*Mt 11.7-19; Luc 7.24-35*

A demonstração de sua divindade e o recado que enviou a João Batista não representou, de forma alguma, um desprezo ou uma reprovação à pessoa e ao ministério de João. Pelo contrário. Tão logo os discípulos de João se ausentaram, Jesus começou a exaltá-lo como sendo o maior dos profetas de todos os tempos (*Mt 11.11; Luc 7.28*), apesar disso não fazer de João maior, como pessoa, do que qualquer outro servo de Deus. Ou seja, Jesus estava exaltando o ministério de João, mas igualando-o como servo de Deus.

Do que Jesus falou a respeito do ministério de João, destacamos:

**1. Era diferente do que os judeus esperavam** - *Mt 11.7,9; Luc 7.24,25.* Estavam acostumados à realidade de religiosos que se portavam segundo seus próprios interesses e costumes, muitas vezes apenas com

**2. Foi referendado por Jesus** - *Mt 11.9-11; Luc 7.26-28.* Jesus referendou e exaltou o ministério de João como sendo verdadeiro e apregoadado pelos profetas.

**3. Serviu de marco entre a escravidão da Lei e a necessidade de se dar crédito à Palavra de Deus pelo arrependimento** - *Mt 11.12-19; Luc 7.29-35.* Jesus demonstrou que o ministério de João foi um referencial de tempo em que o arrependimento (batismo de João) deveria ser buscado com sinceridade, através do abandono dos desejos e interesses pessoais que faziam com que fariseus e doutores da lei (*Lc 7.30*) que rejeitavam o conselho de Deus por serem como meninos que queriam impor aos outros as suas próprias vontades, julgando eles próprios por padrões pessoais e relativos (*Mt 11.16,19; Luc 7.31-35*).

## AS ADMOESTAÇÕES AOS NÃO ARREPENDIDOS

*Mat 11.20-24*

Estas admoestações precisam ser compreendidas à luz do contexto em que foram proferidas e do seu objetivo. Foram proferidas por Jesus após exaltar a necessidade de arrependimento anunciada por João (essa foi a sua principal pregação), e criticar a rejeição dos líderes judeus que não se arrependeram porque não quiseram. Às admoestações o Senhor Jesus sempre manifesta o juízo



## A PERGUNTA DE JOÃO BATISTA - Mt 11.3; Lc 7.19

Que pergunta estranha para quem já apontara para Jesus como sendo o Cordeiro de Deus, inclusive como aquele que tira o pecado do mundo. Que apontou para Jesus como sendo aquele que era antes dele e do qual disse não ser digno de desatar a correia da alparca (Jo 1.26,27,29). Seus atos anteriores, no início do ministério de Jesus, demonstram que ele, naquele momento, tinha o conhecimento da missão espiritual de Jesus (tirar o pecado através do seu sacrifício), da sua eternidade e do seu senhorio. Como agora, diante de tantos atos grandiosos de Jesus, ele envia seus mensageiros com esta pergunta: “*És tu aquele que estava para vir ou esperamos outro?*”

Para compreendermos sua pergunta, precisamos analisar um pouco da personalidade de João Batista, sua pregação e a situação em que se encontrava. Iniciemos pela sua situação: estava preso por causa do pecado de Herodes que ele acusara. Sua personalidade, manifestada em suas pregações e algumas atitudes registradas na Bíblia, era de um homem rude e imediatista. Sua pregação a respeito de Jesus era verdadeira, porém ele não percebia que o “machado estava posto à raiz da árvore” mas que o processo de purificação, de retirada

do pecado do mundo, estava apenas sendo iniciado. A pergunta que foi enviada a Jesus nasceu no coração de um homem que não compreendia porque o pecado ainda não havia sido banido, porque aquele que apontara como o Cordeiro de Deus ainda não havia feito a separação entre o trigo e o joio. O juízo estava demorando; seria Jesus o Messias mesmo?

## ARESPOSTA DE JESUS

*Mt 11.4-6; Lc 7.21-23*

Jesus não respondeu a João Batista apenas com palavras, mas demonstrou aos seus discípulos, através de atos de poder divino que era, de fato, o enviado de Deus. Suas palavras corroboram o pensamento de que João estava preocupado com uma ação imediata, porquanto mandou que o avisassem de que já estavam acontecendo coisas maravilhosas no presente. Ele utilizou os verbos no tempo presente: “os cegos **vêm**, os coxos **andam**, os leprosos **são purificados**, e os surdos **ouvem**; os mortos **são ressuscitados**, e aos pobres **é anunciado** o evangelho.” (Lc 7.22). Mas, apesar de todo o seu respeito ao ministério de João, Jesus enviou-lhe um alerta: “E bem-aventurado aquele que não se escandalizar de mim.” Na versão Revista e Atualizada da SBB, está: “Bem-aventurado aquele que não achar em mim motivo de tropeço.”

vivência correta dos padrões estabelecidos por Deus para o seu povo (Mt 5.17-48; 6.1-4; Lc 6.27-36). Padrões que se referem ao respeito à vida do semelhante em todos os aspectos (Mt 5.21-42); padrões que têm por base principal o amor ao semelhante (Mt 5.43-48; Mt 6.1-4; Lc 6.27-36) que deve ser exprimido tendo como padrão a misericórdia divina (Lc 6.36) e não interesses pessoais, sejam eles quais forem (Mt 6.1-4).

**3. A fé do discípulo de Cristo** *Mat 6.5-34; 7.7-27; Luc 6.43-49.* Depois de falar do testemunho que seus servos deveriam dar diante do mundo, Jesus passa a falar a respeito do elemento fundamental para que alguém seja um discípulo seu verdadeiro: a fé. Fé que é depositada e manifestada a Deus Pai através dos seguintes atos e atitudes:

**a) Através da oração** - Mt 6.5-15; 7.7-12. Os hipócritas pareciam ter fé, porém sua oração manifestava apenas arrogância e confiança em si próprio. A oração do discípulo de Jesus Cristo deve ser autêntica (v. 5) e essa autenticidade deve ser manifestada somente a Deus (v. 6), como certeza absoluta da sua presença invisível e de que ouve as petições individuais (v.7). Uma fé que é dirigida a Deus como Pai (v. 6; 7.7-11) apesar de sua transcendência absoluta (v. 9), em atitude sincera de desejo de pertencer ao seu reino e de reconhecimento da

soberania universal de Deus (v.10). Reconhecimento de soberania que gera dependência completa tanto no aspecto do sustento material (v.11), quanto no aspecto do sustento espiritual (v. 12,13). Uma fé que é autenticada por atos de misericórdia para com os semelhantes (v. 14,15; 7.12).

**b) Através de aflição da alma por desejo de comunhão com Deus** - Mt 6.16-18. O jejum era considerado por Jesus como consequência de entristecimento por causa do seu sacrifício, como vimos em estudo anterior. Essa aflição deve ser manifestada a Deus, assim como a oração, sem que exista qualquer manifestação a seres humanos ou obediência a princípios religiosos estabelecidos por homens.

**c) Através da confiança perfeita quanto ao sustento da vida** Mt 6.18-34. Fé é depositar total confiança em algo ou alguém. Um discípulo de Jesus Cristo não pode confiar em si próprio, ou nos bens que possui, ou em suas próprias forças e providências. Essa confiança o afastaria do desejo de estar busca constante do reino de Deus, que é espiritual e faria com que se voltasse primeiramente para as coisas materiais.

**d) Através da escolha da salvação.** Mt 7.13-27; Lc 6.47-49. A fé envolve confiança, razão e ação; ou melhor, razão, confiança e ação. A

fé sem atos e atitudes é inexistente; a fé em algo que não é razoável é inútil. Jesus ensina o exercício da razão para que a fé seja eficaz, **iniciando pela salvação** (Mt 7.13,14). A fé verdadeira em Deus começa pela escolha do caminho da salvação, caminho que foi estabelecido por ele e anunciado por seus profetas (Is 35.8).

**e) Através da escolha de um discipulado autêntico de Cristo** - Mat 7.15-27; Luc 6.43-49. Uma pessoa que tenha escolhido a salvação em Jesus Cristo e que tenha, inicialmente, se tornado um discípulo dele, pode viver (apesar de salvo) completamente afastada dos seus ensinamentos e, conseqüentemente, afastado do seu discipulado e da firmeza que ele produz na vida de seus servos. Ou seja, pode ter uma fé verdadeira inicialmente, escolhendo a salvação em Cristo, mas viver um cristianismo falso, seguindo a ensinamentos de homens a quem Jesus chama de **falsos profetas** ou seja, **falsos pregadores** da Palavra de Deus (Mt 7.15). Ensina que quem deve se guardar são seus próprios discípulos, utilizando: **a prudência** ("guardai-vos"), **a observação** ("pelos seus frutos os conhecereis"), **a inteligência** ("Uma árvore boa não pode dar maus frutos..."), **o referencial perfeito** ("a vontade de meu Pai").

Na realidade Jesus ensinou que a fé autêntica de um discípulo seu

será uma realidade se tomarem para si o propósito de se guardarem dos falsos profetas, abandonando completamente seus ensinamentos, uma vez que o destino final deles não é outro senão a perdição eterna (Mt 7.21-23).

### ACONCLUSÃO DO SERMÃO

*Mateus 7.24-27; Lucas 6.47-49*

Como o melhor pregador de toda a humanidade, o Senhor Jesus fechou o seu sermão com uma ilustração perfeita dos seus ensinamentos e essa ilustração diz que quem dá ouvidos às suas palavras, colocando-as em prática, viverá sempre perfeitamente alicerçado espiritual e materialmente. Que estará a salvo de qualquer tipo de tempestade que, certamente, cairá sobre sua vida. Será salvo da perdição eterna, viverá na dependência perfeita do Pai, colocará o seu reino em primeiro lugar, produzirá frutos através do seu testemunho e viverá uma fé autêntica na Palavra de Deus.

Leia o livro O SERMÃO DO MONTE, desta editora.

### LEITURAS DIÁRIAS

**Segunda** - Mateus 5.1-12

**Terça** - Lucas 6.17-26

**Quarta** - Mateus 5.13-48

**Quinta** - Lucas 6.27-36

**Sexta** - Mateus 6.1-34

**Sábado** - Mateus 7.1-29

**Domingo** - Lucas 6.37-49

## Estudo 21

# JESUS ADMOESTA O POVO À HUMILDADE E AO ARREPENDIMENTO

Depois da ressurreição do filho da viúva de Naim, a notícia do impressionante milagre correu rápido por toda a Galiléia e chegou, também, à Judéia, tão impressionados ficaram os judeus, vendo em Jesus um grande profeta levantado por Deus (Lc 7.16,17). Naquele tempo João, o Batista, já estava preso (apesar de só encontrarmos o registro em Mt 14.1-12; Mc 6.14-29 e Lc 9.7-9 por causa da narrativa da perplexidade de Herodes a respeito de Jesus) e seus discípulos se incumbiram de contar-lhe, colocando-o a par dos acontecimentos.

Ouvindo a narrativa, chamou dois dos seus discípulos e os enviou a Jesus, perguntando se ele era, de fato o que estava prometido como Messias ou se deveriam esperar por outro. Ao invés de responder com arrazoados, o Senhor Jesus, na hora, curou muitas pessoas, expulsou demônios e, então, mandou que voltassem e anunciassem a João o que viram.

Tão logo saíram, Jesus passou a fazer um discurso a respeito de João, afirmando ser ele diferente do que o povo esperaria de um profeta segundo seus conceitos, mas que foi, na realidade, muito mais que um profeta, pois foi o seu próprio precursor (ver estudo 1 do primeiro volume dessa série de estudos); que, dentre os homens, ninguém teria sido maior que João, mas que no reino de Deus o menor é maior que ele, João. Ato contínuo lança uma crítica aos judeus de sua geração e profere admoestações sobre as cidades que o rejeitaram como Messias, não se arrependendo dos seus pecados, mesmo diante dos seus atos divinos, praticados em presença de todos.

Desse acontecimento no ministério de Jesus devemos dirimir dúvidas que são reais e que têm se tornado em enigma para muitos leitores, precisamos compreender ensinamentos valiosíssimos para a vida cristã que nos auxiliarão na prática do cristianismo.

seu poder sobre a morte. Somente Lucas narra este episódio.

Naim era uma cidade situada provavelmente a poucos quilômetros ao sul de Nazaré. O nome vem de uma raiz do hebraico que significa agradável, em virtude da paisagem de sua localização. Ainda hoje existe, perto de Nazaré, uma vila com este nome, que alguns supõe ser a cidade mencionada no relato bíblico. Mas, como essa pequena vila nunca foi fortificada com muros, os comentaristas encontram dificuldade com a informação sobre a porta da cidade. São preocupações desnecessárias. Houve uma cidade com esse nome, nas imediações de Cafarnaum e Nazaré, que pode não corresponder à atual. Cidades construídas de adobe (barro cru, apenas seco, com palhas), podiam ser destruídas e sobre elas construídas outras.

Perto da porta da cidade, Jesus, que era acompanhado por seus discípulos e por grande multidão, deparou-se com um cortejo fúnebre. Uma viúva chorava enquanto acompanhava o cortejo. Seu único filho ia ser sepultado. Uma grande multidão da cidade acompanhava o cortejo, o que revela que se tratava de pessoa de boas relações. Vendo aquela mãe chorando a perda de seu único filho, Jesus se encheu de compaixão, e a consolou: "Não chores..." Tocou o caixão e ordenou

ao moço: "Levanta-te!" E o devolveu à sua mãe. Este feito encheu de temor a multidão que prorrompeu em glorificações a Deus. E a fama de Jesus se espalhou.

Agora, feche os olhos e imagine a cena. Que glória. Que ternura nas palavras "não chores", que poder na ordem a um morto "levanta-te". O povo reconheceu que Deus tinha visitado seu povo.

Jesus é Deus. Só Deus pode fazer o que ele fez!

### CONCLUSÃO

Compare agora os milagres de Jesus com os "milagres" engendrados pelos atuais curandeiros dos pseudo evangélicos dos modismos religiosos de nossos dias: truques, mistificações, manipulação de ilusões de massas humanas. Os de Jesus foram imediatos, claros, realmente testemunhados e confirmados. Nesses devemos crer, e não nos truques de falsificadores do evangelho.

Saiba mais sobre nossas publicações  
[www.editorabatistabrasileira.com](http://www.editorabatistabrasileira.com)

### LEITURAS DIÁRIAS

**Segunda** - Mateus 10.1-4

**Terça** - Marcos 3.7-19

**Quarta** - Lucas 6.12-16

**Quinta** - Atos 8.9-13; 18-24

**Sexta** - Mateus 7.21-23

**Sábado** - Atos 19.8-12

## Estudo 20

# DUAS MARAVILHAS DO AMOR E PODER DE CRISTO

Este título abrange dois dos muitos milagres realizados pelo Senhor Jesus durante seu ministério na Galiléia, desenvolvido logo após ter Jesus saído da tentação e ter chamado os primeiros discípulos (João 1.35 a 2.12): A cura de um servo do centurião destacado em Cafarnaum (Mat 8.5-13 e Lc 7.1-10) e a ressurreição do filho de uma viúva da cidade de Naim.

Esses dois milagres estão sendo chamados de "maravilhas de amor e poder" porque o Senhor, em todo o seu ministério terreno, realizou milagres sempre movido por dois imperativos: o amor, que se expressava em sentimento de profunda compaixão pelos sofredores, e o poder divino que precisava se manifestar para levar os homens a crerem nele como o Filho de Deus, como explicou o apóstolo João no final de seu Evangelho, em 20.30-31: "*Jesus pois operou também em presença de seus discípulos muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para que*

*creiais que Jesus é o Cristo, o Filhote Deus, e para que, crendo, tenhais via em seu nome*".

Os milagres de Jesus manifestaram seu poder divino sobre quatro realidades do universo, demonstrando que a autoridade e o poder de Jesus se exerceram e se exercem permanentemente sobre todas as coisas. Eles manifestaram poder sobre a *natureza*, sobre as *enfermidades*, sobre os *demônios* e sobre a *morte*. Como exemplos de poder sobre a natureza, temos os milagres da transformação da água em vinho, de acalmar a tempestade no mar etc.; como exemplos de poder sobre as enfermidades, podemos citar as curas de cegos, aleijados, leprosos, e este, aqui estudado, da cura do servo do centurião romano; como exemplos de poder sobre demônios, podemos citar os vários casos em que Jesus os expulsou, lembrando, particularmente, a expulsão da legião de demônios do homem gadareno; e, como exemplos do poder sobre a morte, podemos citar a ressurreição

de Lázaro, a ressurreição da filha de Jairo, e, particularmente, o que estudaremos aqui, a ressurreição do filho da viúva de Naim.

Consideremos os dois relatos com a consciência de que estamos diante da glória de Deus manifestada em Jesus Cristo.

### **A CURA DO SERVO DO CENTURIÃO**

Centurião era um militar romano graduado, um oficial que comandava cem homens, conforme a organização militar do império romano, que mantinha forças de ocupação em todas as terras conquistadas, entre elas a Palestina. Havia lugares estratégicos para os quais eram escalados centuriões com seus comandados, como por exemplo Jerusalém, Cesaréia, e Cafarnaum, onde estava este, do relato em estudo.

Esse centurião era um homem que, se não puder ser considerado um convertido segundo o rigor do termo, era simpatizante da religião dos judeus, porquanto tinha até mandado construir-lhes uma sinagoga em Cafarnaum, pelo que era muito apreciado e respeitado pela liderança dos judeus.

Quanto a que ele pensava a respeito de Jesus, o relato revela que ele era um homem de fé, e que via em Jesus autoridade divina: chamou-o de Senhor, e isto não era um tratamento meramente social de

respeito humano, mas de reconhecimento de divindade, senhorio e poderes sobrenaturais.

Lendo-se Mateus e Lucas em paralelo, entendemos o que aconteceu:

1) Sabendo que Jesus estava na cidade, mandou-lhe um grupo de influentes amigos judeus, para lhe rogar que fosse curar o seu servo, que era paralítico e estava sofrendo muito e para dar testemunho a respeito de quem era o que enviava o pedido.

2) Quando Jesus, em atendimento ao pedido, estava se aproximando de sua casa, lhe enviou outros amigos, e ele próprio foi ter com Jesus, para fazerem o apelo de que não entrasse em sua casa, porque era um homem indigno de recebê-lo. Dessa atitude devemos destacar a grande humildade daquele centurião e a firme consciência que ele tinha de duas coisas: de sua indignidade por causa de seus pecados, e a perfeita santidade de Jesus, em contraste com sua indignidade.

3) Manifestou sua imensa fé, elogiada por Jesus, ao dizer que confiava que Jesus poderia curar seu servo mesmo à distância. Ele usou, ao se expressar, uma comparação consigo próprio. Ele estava sujeito à autoridade do Império, e ao mesmo tempo tinha sob sua autoridade soldados e servos, que lhe obedeciam

prontamente as ordens. E manifestou sua confiança em que Jesus também tinha a autoridade para comandar poderes invisíveis, que fossem, por sua ordem, operar a cura de seu servo. Ele dava todo crédito a Jesus; ele cria em sua divindade; ele confiava em seu ilimitado poder e autoridade sobre poderes invisíveis. Isto era fé: Crer, confiar e submeter-se.

Compare-se a atitude do Centurião com a do general Naamã (2 Reis 5.1-14). Naamã primeiro se manifestou ofendido com a ordem simples do profeta para que fosse mergulhar sete vezes no rio Jordão para ser curado da lepra. Somente por instâncias de seu servo é que se submeteu, e depois de ver o resultado, então creu em Jeová. Mas o centurião, sem nada ver, manifestou que cria firmemente que Jesus curaria seu servo mesmo sem chegar perto dele.

Mateus registra um pormenor que Lucas omitiu: Antes de curar o servo do centurião, no momento em que elogiou sua fé, acrescentou que muitos viriam do ocidente e do oriente (de todas as partes do mundo), como era o centurião, estranhos ao povo escolhido, gentios, e tomariam parte no reino de Deus, enquanto os filhos do reino seriam rejeitados e condenados (Mt 8.11, 12). A expressão empregada por Jesus “filhos do reino” nada tem a ver com “filhos de Deus”. Essa

expressão significa “naturais do reino de Israel”, ou descendentes de Abraão segundo a carne.

Jesus estava atacando a falsa e orgulhosa crença dos judeus de que o reino de Deus era somente para eles, o que mais tarde Pedro, Tiago, Paulo e Barnabé, principalmente, entenderam, e passaram a proclamar. Ali estava um gentio, representante do poder estrangeiro que mantinha os judeus sob dominação, e manifestara espírito evangélico, manifestara fé e submissão e arrependimento e confissão de pecado. Aquele centurião foi reconhecido por Jesus como uma das primícias dos frutos de salvação que o evangelho colheria entre os gentios de toda parte do mundo.

O centurião foi atendido segundo sua fé (Mt 8.13). E isto inclui que ele estava, por crer em Jesus, apto para o reino de Deus. Pode-se imaginar a ira dos inimigos de Jesus que tenham ouvido ou tomado conhecimento dessas palavras de Jesus a respeito de estrangeiros vindo participar da mesa de Abraão no reino dos céus... Mas ficou afirmado, desde o começo, que o evangelho é para todos os povos.

### **A RESSURREIÇÃO DO FILHO DA VIÚVA DE NAIM**

No episódio anterior, Jesus demonstrou seu poder sobre as enfermidades. Neste, demonstrou